

Paris_novembro, 13

Coletânea de Artigos para discussão em aula

Paulo Timm Org.

Compartimos este agudo análisis del periodista Gabriel Fernández, acerca de lo sucedido en París.

Los invitamos a leerlo haciendo click en la imagen y a dejarnos su opinión.

[Ver tradução](#)



ISIS, OTAN, EEUU: “Siembra vientos y cosecharás tempestades”

Por Gabriel Fernández * La creación de formaciones irregulares para dinamitar procesos institucionales es un riesgo. Inicialmente, para los agredidos ...

[ANNURTV.COM](#)

[Bruno Lima Rocha](#) compartilhou a [foto](#) de [Estratégia & Análise](#).

OUTRA MODESTA CONTRIBUIÇÃO - ENTREVISTA APÓS OS ATENTADOS EM PARIS. UM GRÃO DE AREIA CONTRA A DESINFORMAÇÃO ESTRUTURAL.



Estratégia & Análise Curtir Página

Uma análise sobre o atentado na França

14 de novembro de 2015, Bruno Lima Rocha

Após 24 horas dos atentados em Paris, o mundo ainda tenta encontrar explicações ...

[Ver mais](#)

Tiago Rodrigues to Realidade Política, Filosofia Política & Realpolitik - o Brasil no dia a dia

4 h ·

"A crescente violência entre os povos muçulmanos, muitas vezes banhada pelo desespero e a loucura social, somente pode ser explicada pela ação permanente de rapina das potências ocidentais.

A origem da dor dos franceses não está no islamismo, mas nos Estados dominados pela vertente imperialista da cultura cristã, onde nasceu o colonialismo como sistema afrontoso à autodeterminação dos povos."

Carmen Lícia Palazzo

9 min · [Brasília](#) · [Editado](#) ·

Não há dúvida de que, no Oriente Médio, a guerra não está sendo ganha pelo ISIS, o que certamente pode ocasionar mais ataques terroristas. Tais ataques são terríveis mas estão longe de significar que eles vão "conquistar o mundo" como alguns andam dizendo. Não apenas não o conseguirão, como não representam a maioria dos muçulmanos na Europa!!!

<http://www.juancole.com/2015/.../kurdish-fighters-centers.html>

Carmen Lícia Palazzo

49 min · Brasília ·

Os atentados poderiam ter ocorrido com ou sem refugiados, com ou sem muitos muçulmanos na França. Não havia nenhuma "invasão" de muçulmanos nos EUA por ocasião do 11 de setembro. Os especialistas sabem muito bem que o terrorismo é um tipo de fenômeno que tem determinadas características e sabem também que muitíssimos dos muçulmanos que estão na Europa não querem "conquistar o Ocidente", querem trabalhar e viver, como vivem, suas vidas normalmente. Os atentados são cuidadosamente planejados e independem da população muçulmana européia. da mesma maneira nos EUA, os terroristas da Al Qaeda agiram de acordo com sua agenda que não se relacionava com a vida dos muçulmanos nos EUA ou dos muçulmanos americanos em geral.



Kneejerk finger-pointing after Paris attacks

Holding refugees and Western foreign policy responsible foments anti-immigrant hatred, further polarising Europe.

ALJAZEERA.COM

Curtir Comentar

Compartilhar

Cristovam Buarque – FB – 15 novembro

Depois de ler os muitos comentários à minha ultima mensagem, aprendi coisas que quero compartilhar com vocês.

1. É assustador o que vem adiante. A França depois do atentado vai ser obrigada a enfrentar os criminosos,terroristas anti-humanos com toda força. E vai com isto fazer o jogo dos criminosos, terroristas, anti-humanos. Estamos em um jogo sem solução. Alguém neste face citou um documentário, creio que holandês, em que terroristas diziam ter optado pelo terror depois que suas

casas foram bombardeadas por caças norte-americanos. A França, corretamente, será levada a bombardear grupos de terroristas e fabricará ainda mais terroristas toda vez que o bombardeio matar os vizinhos.

2. É surpreendente o simplismo do preconceito que põe a culpa do terror feito por oito bandidos sobre 1,6 bilhão de muçulmanos, quase todos eles pacíficos trabalhadores cujo único crime é ter uma religião diferente da nossa. E ainda os chamamos de fanáticos. Bandidos fanáticos são os terroristas e alguns clérigos que os incitam, não os 1,6 bilhão de muçulmanos. Ninguém culpava a Igreja Católica quando, faz pouco tempo, terroristas fanáticos católicos explodiam bombas e matavam inocentes na Irlanda Evangélica. Ou contra os terroristas bascos do ETA. Eles eram católicos, mas eu também e não sou terrorista, nem os outros um bilhão de católicos.

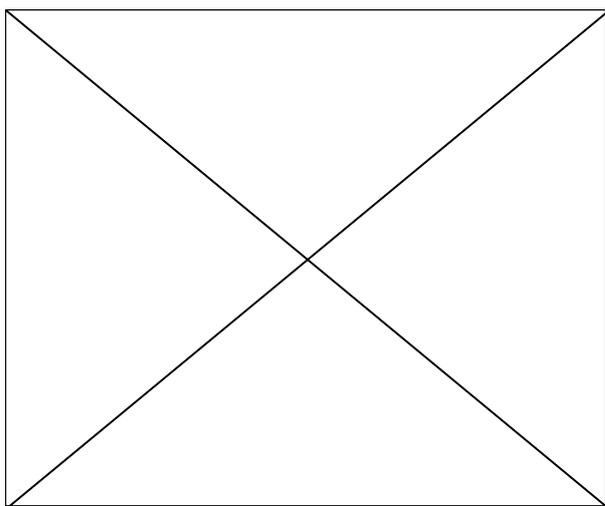
3. No Brasil tem terrorismo sim, todos os dias nas balas dirigidas a inocentes, inclusive crianças, cuja única culpa era estar naquele lugar. Como no caso dos jovens franceses no show de rock, ou estudantes americanos na escola, atacados por norte-americanos terroristas também.

Se não entendermos onde erramos, vamos morrer errando.

GRAEME WOOD

O autoproclamado Estado Islâmico não é um simples grupo de psicopatas. É um grupo religioso com crenças cuidadosamente pensadas, entre elas a de que será ele o agente do apocalipse que se aproxima. Aqui explicamos o que isso significa para a sua estratégia — e como acabar com ela.

<http://www.publico.pt/mundo/noticia/o-que-e-o-estado-islamico-1690458>



PUB

De onde veio e quais são as suas intenções? A simplicidade destas perguntas pode ser enganadora e poucos líderes ocidentais parecem saber as respostas. Em Dezembro, o *New York Times* publicou declarações confidenciais do major Michael K. Nagata, o comandante de Operações Especiais dos Estados Unidos no Médio Oriente, em que este admitia que não conseguia perceber o autoproclamado Estado Islâmico (EI). “Não conseguimos derrotar a ideia [por trás do movimento]”, disse. “Nem sequer conseguimos perceber a ideia.” No último ano, o Presidente Barack Obama tem-se referido ao Estado Islâmico ora como “não islâmico”, ora como “a equipa de novatos” da Al-Qaeda, comentários que revelam a confusão sobre o grupo e que podem ter contribuído para erros de estratégia grosseiros.

O EI conquistou Mossul, no Iraque, em Junho passado, e já exerce poder sobre uma área maior do que o Reino Unido. Desde Maio de 2010 que Abu Bakr al-Baghdadi é o seu líder, mas até ao Verão passado, a última vez que tinha sido filmado fora sob cativeiro americano em Camp Bucca durante a ocupação do Iraque, onde aparecia numas imagens granuladas. Então, a 5 de Julho do ano passado, durante o Ramadão, subiu ao púlpito da Grande Mesquita de al-Nuri, em Mossul, para um sermão em que se autodeclarava o primeiro califa ao fim de várias gerações — fazendo um *up grade* na resolução da sua imagem, que passou de granulada a alta definição, e da sua posição de guerrilheiro fugido das autoridades a comandante de todos os muçulmanos. O afluxo de jihadistas que se seguiu, vindo de todo o mundo, foi inédito em ritmo e quantidade, e ainda não parou.

De certa forma, a nossa ignorância sobre o Estado Islâmico é compreensível: é um reino obscuro e poucos foram até lá e regressaram. Baghdadi só falou para as câmaras uma vez, mas o seu discurso e os incontáveis vídeos de propaganda e encíclicas do EI estão acessíveis na Internet, e os apoiantes do califado têm feito tudo o que está ao seu alcance para dar a conhecer o seu projecto. Podemos concluir que o EI rejeita que a paz seja uma questão de princípio; que deseja um genocídio; que as suas posições o tornam constitucionalmente incapaz de certas mudanças, mesmo que estas garantam a sua sobrevivência; e que se considera o agente — e actor principal — do fim do mundo, que está iminente.



regozijo de um membro do EI numa parada em Raqqa, no Norte da Síria, a 30 de Junho, para celebrar a declaração de um califado **STRINGER**

O Estado Islâmico, também conhecido como Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS), segue uma variante específica do islão, cuja crença no Dia do Juízo Final tem importância na sua estratégia e poderá ajudar o Ocidente a conhecer melhor o inimigo e prever o seu comportamento. A sua subida ao poder é menos parecida com o triunfo da Irmandade Muçulmana no Egipto (um grupo que os líderes do EI consideram apóstata) do que com a realidade alternativa distópica que [os líderes de seitas americanas] David Koresh ou Jim Jones quiseram criar para governar não apenas umas centenas de pessoas, mas oito milhões.

Não temos sabido compreender a natureza do Estado Islâmico. Primeiro, tendemos a ver o jihadismo como monolítico e a aplicar a lógica da Al-Qaeda a uma organização que, sem dúvida, a ofuscou. Os apoiantes do Estado Islâmico com quem falei ainda se referem a Osama bin Laden como “xeque Osama”, um título honorífico. Mas o jihadismo evoluiu desde a época áurea da Al-Qaeda, entre 1998 e 2003, e muitos jihadistas desprezam as prioridades do grupo e a sua actual liderança.

Bin Laden encarava o seu terrorismo como o prólogo de um califado que não contava ver realizado durante o seu tempo de vida. A sua organização era flexível e operava como uma rede geograficamente dispersa de células autónomas. Pelo contrário, o Estado Islâmico precisa de território para se legitimar e de uma estrutura hierarquizada que o governe. (A sua burocracia divide-se nos ramos civil e militar, e o seu território em províncias.)

A segunda razão pela qual não o compreendemos tem que ver com uma campanha bem intencionada mas desonesta que nega ao EI a sua natureza religiosa medieval. Peter Bergen, que em 1997 fez a primeira entrevista a Bin Laden, intitulou o seu primeiro livro de *Holy War, Inc.*, em parte por reconhecer Bin Laden como uma figura do mundo secular moderno. Bin Laden corporatizava o terror e fez dele um *franchising*. Exigia concessões políticas específicas, tal como a retirada das forças americanas da Arábia Saudita. Os seus soldados rasos moviam-se com confiança no mundo moderno. Na véspera de morrer, Mohamed Atta [um dos atacantes do 11 de Setembro] fez compras no Walmart e jantou na Pizza Hut.

É uma tentação fazer encaixar no Estado Islâmico a observação de que os jihadistas são pessoas seculares modernas, com preocupações políticas modernas, vestidas com disfarces religiosos medievais. Na realidade, muito daquilo que o grupo faz parece ilógico, a não ser que seja analisado à luz do seu empenho sincero e cuidadosamente arquitectado em transportar a civilização para um ambiente do século VII e da crença de que será o portador do apocalipse.

Os porta-vozes mais articulados dessa intenção são os próprios responsáveis e apoiantes do Estado Islâmico. Falam com gozo dos “modernos”. Em conversas, insistem que não irão — nem podem — afastar-se dos conceitos de governação integrados no islão pelo profeta Maomé e os seus primeiros seguidores. Falam frequentemente em código e com alusões que parecem estranhas ou antiquadas a não-muçulmanos e que se referem a tradições e textos específicos do islão dos primórdios.

Para dar um exemplo: em Setembro, o xeque Abu Muhammad al-Adnani, o principal porta-voz do Estado Islâmico, apelou aos muçulmanos dos países ocidentais, como a França e o Canadá, a encontrarem um infiel e “esmagarem a sua cabeça com uma pedra”, envenenarem-no, atropelarem-no com um carro ou “destruírem as suas colheitas”. Aos ouvidos ocidentais, os castigos de pendor bíblico — o apedrejamento e a destruição de colheitas — justapõem-se estranhamente ao seu incitamento mais modernizado de homicídio com um veículo. (E como se pretendesse mostrar que pode aterrorizar usando apenas o imaginário, Adnani chamou o secretário de Estado norte-americano, John Kerry, “ancião não circuncidado”.)

Mas Adnani não estava a dizer apenas inutilidades. O seu discurso estava entrelaçado de fundamentos jurídicos e teológicos, e o seu apelo à destruição de colheitas ecoa ordens de Maomé para que se deixasse os poços de água e as colheitas dos inimigos em paz — a não ser que os exércitos do islão se encontrassem numa posição defensiva, e nesse caso os muçulmanos nas terras dos *kuffar*, ou infiéis, deveriam ser impiedosos e envenenar à vontade.

A realidade é que o Estado Islâmico é islâmico. Muito islâmico. Sim, tem atraído psicopatas e pessoas à procura de aventura, saídos sobretudo das populações marginalizadas do Médio Oriente e da Europa. Mas a religião

pregada pelos seus mais fervorosos seguidores vem de uma interpretação coerente do islão.



Abu

Bakr al-Baghdadi no célebre sermão em Mossul durante o qual se autoproclamou califa [REUTERS TV](#)

Praticamente todas as grandes decisões e leis promulgadas pelo Estado Islâmico aderem ao que chama — na sua imprensa e nas suas declarações, nos seus painéis informativos, matrículas, material de escritório e moedas — “metodologia profética”, o que significa seguir rigorosamente a profecia e o exemplo de Maomé. Os muçulmanos podem rejeitar o Estado Islâmico; quase todos fazem-no. Mas fingir que não é verdadeiramente um grupo religioso e milenar, com uma teologia que tem de ser compreendida para ser combatida, já levou os Estados Unidos a subestimá-lo e a apoiar esquemas tontos para o debelar. Temos de entender a genealogia intelectual do Estado Islâmico se queremos uma resposta que não o fortaleça ainda mais mas que o ajude a auto-imular-se pelo seu próprio excesso de zelo.

I. Devoção

Em Novembro, o Estado Islâmico publicou um vídeo tipo info-comercial a ligar as suas origens a Bin Laden. Reconheceu Abu Mussab al-Zarqawi, o líder brutal da Al-Qaeda no Iraque entre 2003 até à sua morte, em 2006, como um progenitor mais directo, seguido sequencialmente por outros líderes guerrilheiros antes de chegar a Baghdadi, o califa. Uma omissão assinalável: o sucessor de Bin Laden, Ayman al-Zawahiri, o cirurgião oftalmológico egípcio que actualmente lidera a Al-Qaeda. Zawahiri não jurou obediência a Baghdadi e é cada vez mais odiado pelos seus colegas jihadistas. Para o seu isolamento, não ajuda a sua falta de carisma; nos vídeos parece sempre estar aborrecido. Mas a separação entre a Al-Qaeda e o Estado Islâmico há muito que vem sendo fabricada e ajuda, pelo menos em parte, a explicar os excessos sanguinários do EI.

O companheiro de isolamento de Zawahiri é um religioso jordano chamado Abu Muhammad al-Maqdisi, de 55 anos, que será o arquitecto intelectual da Al-Qaeda e que é o mais importante jihadista desconhecido do público americano. Maqdisi e o EI estão de acordo na maior parte das questões doutrinárias. Ambos se identificam com a ala jihadista de um ramo do sunismo chamado salafismo, do árabe *al salaf al salih*, os “fundadores devotos”. Ou seja, o próprio Maomé e os seus primeiros seguidores, que os salafistas honram e seguem como modelo de todo e qualquer comportamento, incluindo a guerra, as vestes, a vida familiar, até os cuidados com os dentes.

Maqdisi ensinou Zarqawi, que partiu para a guerra no Iraque com os seus conselhos em mente. Mas, com o tempo, Zarqawi excedeu o fanatismo do seu mestre e foi criticado por ele. Isto devido ao seu gosto por espectáculos sanguinários — e, do ponto de vista doutrinário, o seu ódio aos outros muçulmanos, a ponto de os excomungar e matar. No islão, a prática do *takfir*, ou excomunhão, é teologicamente perigosa. “Se um homem diz ao seu irmão ‘és um infiel’, então um deles está certo”, diz o profeta. Se o acusador estiver errado, ele próprio cometeu apostasia ao fazer uma falsa acusação. O castigo da apostasia é a morte. Zarqawi alargou sem temor o tipo de comportamentos que tornam os muçulmanos infiéis.

Maqdisi escreveu ao seu antigo discípulo dizendo-lhe que precisava de ser mais cauteloso e “não fazer proclamações cegas de *takfir*”, ou “proclamar as pessoas como apóstatas devido aos seus pecados”. A diferença entre um apóstata e um pecador pode parecer subtil, mas é um ponto fundamental da divergência entre a Al-Qaeda e o Estado Islâmico.

Negar a santidade do Corão ou as profecias de Maomé é claramente uma apostasia. Mas Zarqawi e os seus companheiros consideram que muitas outras acções podem afastar um muçulmano do islão. Estas incluem, em alguns casos, vender álcool ou drogas, usar roupas ocidentais ou rapar a barba, votar em eleições — mesmo se for num candidato muçulmano — ou ser-se laxista na acusação de apostasia. Ser xiita, como são a maioria dos árabes iraquianos, também encaixa nos critérios, porque o Estado Islâmico encara o xiismo como uma inovação e inovar no Corão é negar a sua perfeição inicial. (O Estado Islâmico defende que algumas práticas comuns dos xiitas, como a adoração em alguns túmulos de imãs e a autoflagelação pública, não têm base no Corão nem no exemplo do profeta.) Isto significa que cerca de 200 milhões de xiitas estão marcados para morrer. Tal como os chefes de Estado de todos os países muçulmanos, que elevaram as leis feitas pelos homens acima da *dasharia*, concorrendo ao cargo ou aprovando leis que não foram feitas por Deus.

Seguindo a doutrina *takfiri*, o Estado Islâmico compromete-se a purificar o mundo matando um número elevado de pessoas. A falta de objectividade das notícias vindas do seu território torna desconhecida a verdadeira extensão da chacina, mas os comentários feitos nas redes sociais na região sugerem que as execuções individuais acontecem mais ou menos continuamente, e as execuções em massa são separadas por poucas semanas. Os “apóstatas”

muçulmanos são as vítimas mais comuns. Isentos das execuções sumárias estão os cristãos que não resistirem ao novo governo. Baghdadi permite-lhes viver, desde que paguem uma taxa especial, conhecida como *jizya*, e reconheçam a sua subjugação. A autoridade corânica para esta prática não é questionada.



Zawahiri não jurou obediência a Baghdadi e é cada vez mais odiado pelos seus colegas jihadistas REUTERS



Zarqawi alargou sem temor o tipo de comportamentos que tornam os muçulmanos infiéis REUTERS/IGCD

As guerras religiosas na Europa já acabaram há séculos e desde então que os homens deixaram de morrer em larga escala devido a obscuras disputas teológicas. Daí talvez a incredulidade e a negação com que os ocidentais receberam as notícias das práticas e da teologia do Estado Islâmico. Muitos recusam-se a acreditar que este grupo é tão religioso como diz ser, ou tão antiquado e apocalíptico como as suas acções sugerem.

O cepticismo é compreensível. No passado, os ocidentais que acusavam os muçulmanos de seguir cegamente as escrituras antigas eram criticados por académicos — nomeadamente o falecido Edward Said — que afirmavam que chamar antiquados aos muçulmanos era geralmente apenas mais uma maneira de os denegrir. Em vez disso, defendiam estes académicos, olhe-se para as condições em que estas ideologias se formam — má governação, mudanças de costumes, a humilhação de viver em terras que apenas são valorizadas pelo seu petróleo.

Sem o reconhecimento destes factores, nenhuma explicação para o crescimento do Estado Islâmico ficará completa. Mas se nos focarmos apenas neles e excluirmos a ideologia estamos a incorrer noutra tipo de desvio ocidental: o de que se a ideologia religiosa não quer dizer muito em Washington ou Berlim, seguramente será igualmente irrelevante em Raqqa ou Mossul. Quando um carrasco com uma máscara diz *Allahu Akbar* enquanto decapita um apóstata, às vezes fá-lo por razões religiosas.

Muitas organizações religiosas muçulmanas não radicais foram ao ponto de dizer que o Estado Islâmico é, na verdade, não islâmico. Claro que é reconfortante saber que a vasta maioria dos muçulmanos não tem qualquer interesse em substituir os filmes de Hollywood por execuções públicas como entretenimento nocturno. Mas, como diz o académico de Princeton Bernard Haykel, o grande especialista na teologia do grupo, os muçulmanos que dizem que o Estado Islâmico não é islâmico estão “envergonhados e a ser politicamente correctos, com uma perspectiva cor-de-rosa da sua própria religião”, que negligencia “o que histórica e juridicamente a sua religião exigiu”. Muitas das negações da natureza religiosa do Estado Islâmico, afirma ele, estão enraizadas numa “tradição cristã de um disparatado diálogo inter-religioso”.

Todos os académicos a quem fiz perguntas sobre o EI me mandaram falar com Haykel. Na voz que sai da sua barbicha mefistofélica há um ligeiro sotaque estrangeiro de uma localização indefinida.

Segundo Haykel, as fileiras do Estado Islâmico estão profundamente impregnadas de fervor religioso. Há citações do Corão por toda a parte. “Mesmo os soldados rasos veiculam estas coisas constantemente”, diz Haykel. “Olham para as câmaras e repetem as suas doutrinas básicas como uma fórmula, e fazem-no a toda a hora.” Encara a afirmação de que o Estado Islâmico distorceu os textos do islão como uma coisa ridícula, apenas justificada por uma enorme ignorância. “As pessoas querem absolver o islão”, comenta. “É aquele mantra ‘o islão é uma religião de paz’. Como se houvesse uma coisa como ‘o islão’! É aquilo que os muçulmanos fazem e a forma como interpretam os seus textos.” Esses textos são partilhados por todos os muçulmanos sunitas, não apenas pelo Estado Islâmico. “E estes tipos têm tanta legitimidade como quaisquer outros.”

Todos os muçulmanos reconhecem que as primeiras conquistas de Maomé não foram limpas e que as leis da guerra transmitidas no Corão e nas

narrativas sobre a governação do profeta foram calibradas para encaixar numa época turbulenta e violenta. Pelas estimativas de Haykel, os combatentes do EI retrocederam ao islão inicial e estão a reproduzir fielmente as suas regras de guerra. Este comportamento inclui uma série de práticas que os muçulmanos modernos tendencialmente se recusam a admitir que são parte integrante dos textos sagrados. “A escravatura, a crucificação e as decapitações não são uma coisa que uns amalucados [jihadistas] escolheram selectivamente no meio de uma tradição medieval”, comenta. Os combatentes do EI “mergulharam numa tradição medieval e estão a querer trazê-la inteira para a actualidade”.

O Corão refere especificamente que a crucificação é um dos poucos castigos permitidos aos inimigos do islão. A taxa aos cristãos encontra um apoio claro no *Surah al-Tawbah*, o nono capítulo do Corão, que encoraja os muçulmanos a combater os cristãos e judeus “até que estes paguem a *jizya* com uma submissão voluntária, e se sintam eles próprios subjugados”. O profeta, que todos os muçulmanos consideram exemplar, impôs estas regras e possuía escravos.

Os líderes do Estado Islâmico consideram ser seu estrito dever copiar Maomé e reavivaram tradições que há centenas de anos estavam adormecidas. “O que é espantoso neles não é só o seu literalismo, mas também a seriedade com que lêem estes textos”, diz Haykel. “Há uma seriedade obsessiva e constante que os muçulmanos normalmente não têm.”

Até ao aparecimento do Estado Islâmico, nenhum grupo nos últimos séculos tentara uma fidelidade tão radical ao modelo profético para além dos *wahhabitas* da Arábia do século XVIII. Conquistaram a maior parte do que é agora a Arábia Saudita, e as suas práticas estritas sobreviveram ali numa versão diluída da *sharia*. Mas Haykel aponta para uma distinção importante entre os grupos: “Os *wahhabitas* não eram exuberantes na sua violência.” Estavam rodeados de muçulmanos e conquistaram terras que já eram islâmicas. “O ISIS, pelo contrário, está realmente a querer reavivar o período inicial.” Os primeiros muçulmanos estavam rodeados de não muçulmanos, e o Estado Islâmico, devido às suas tendências *takfiri*, considera-se na mesma situação.

Se a Al-Qaeda quis recuperar a escravatura, nunca o disse. E porque haveria de querer? O silêncio sobre a escravatura reflecte provavelmente um pensamento estratégico, com a necessidade de atrair a simpatia popular: quando o EI começou a escravizar pessoas, até alguns dos seus apoiantes se retraíram. Ainda assim, o califado continuou a abraçar a escravatura e a crucificação sem se desculpabilizar. “Vamos conquistar a vossa Roma, quebrar os vossos crucifixos e escravizar as vossas mulheres”, prometeu Adnani, o porta-voz, numa das suas ameaças periódicas ao Ocidente. “Se não o fizermos a tempo, então os nossos filhos e netos o farão e venderão os vossos filhos como escravos no mercado de escravos.”

Em Outubro, a *Dabiq*, a revista do EI, publicou *A Ressuscitação da Escravatura Antes da Hora*, um artigo que questionava se os *yazidis* (membros de uma

seita antiga curdófona que foi buscar alguns elementos ao islão e que foi atacada por forças do EI no Norte do Iraque) são muçulmanos seculares, e portanto marcados para a morte, ou meros pagãos e por isso prontos para serem escravizados. Um grupo de estudo de académicos do EI reuniu-se, sob ordens do governo, para resolver a questão. Se são pagãos, escreveu o autor anónimo do artigo, “as mulheres e crianças *yazidi*, [devem ser] divididas de acordo com a *sharia* entre os que combatem pelo Estado Islâmico que participaram nas operações de Sinjar [no Norte do Iraque]... Escravizar as famílias dos *kuffar* [infiéis] e tomar as suas mulheres como concubinas é um dos aspectos determinados pela *sharia* e, se alguém o negar ou gracejar, estará a negar ou gracejar dos versículos do Corão e das palavras do profeta... e por isso a ser apóstata do islão”.



Uma mulher com o Corão aberto. O EI vai ao início do islão buscar a sua inspiração MOHAMMED SALEM/REUTERS

II. Território

Calcula-se que dezenas de milhares de muçulmanos estrangeiros terão emigrado para o Estado Islâmico. Houve recrutamentos a partir de França, Reino Unido, Bélgica, Alemanha, Holanda, Austrália, Indonésia, Estados Unidos e outros locais importantes. Muitos foram para lutar e muitos tencionam morrer.

Peter R. Neumann, professor no King’s College em Londres, disse-me que as comunicações *onlinetêm* sido essenciais para espalhar a propaganda e garantir que os recém-chegados sabem em que acreditar. O recrutamento feito pela Internet também tem alargado a demografia da comunidade de jihadistas, permitindo que muçulmanas conservadoras — fisicamente isoladas nas suas casas — cheguem a recrutas, se radicalizem e arranjem transporte para a Síria. Apelando a ambos os géneros, o EI espera construir uma sociedade completa.

Em Novembro, fui à Austrália para me encontrar com Musa Cerantonio, um homem de 30 anos que Neumann e outros investigadores identificaram como uma das mais importantes “autoridades espirituais emergentes” na condução de estrangeiros ao Estado Islâmico. Durante três anos era tele-envagelista na Iqraa TV do Cairo, mas saiu depois de a estação ter objectado aos seus apelos frequentes à criação de um califado. Agora prega no Facebook e no Twitter.

Cerantonio — um homem grande e amigável com uma atitude livresca — diz que empalidece perante os vídeos das decapitações. Odeia ver a violência, ainda que os apoiantes do Estado Islâmico sejam obrigados a apoiá-la. (E, o que é controverso entre jihadistas, repudia os bombardeamentos suicidas, na medida em que Deus proíbe o suicídio; difere do EI também em mais alguns pontos.) Tem o tipo de barba que usam alguns fãs mais crescidos do *Senhor dos Anéis* e a sua obsessão com o apocaliptismo islâmico soa familiar. Parece estar a viver um drama que visto de fora, sob a perspectiva de um estrangeiro, se assemelha a um romance de fantasia medieval, só que com sangue a sério.

Em Junho passado, Cerantonio e a mulher tentaram emigrar — não disse para onde (“é ilegal ir para a Síria”, afirmou cautelosamente) — mas foram apanhados no caminho, nas Filipinas, e deportados para a Austrália, que criminalizou as tentativas de aderir ou viajar para o Estado Islâmico e por isso lhe confiscou o passaporte. Está preso em Melbourne, onde é conhecido das autoridades locais. Se for apanhado a facilitar a movimentação de indivíduos para o EI, será preso. Mas para já continua em liberdade — um ideólogo que tecnicamente não está filiado mas que ainda assim, para os outros jihadistas, fala com autoridade sobre a doutrina do Estado Islâmico.

Encontrámo-nos para almoçar em Footscray, um subúrbio densamente povoado e multicultural de Melbourne, onde está a sede do Lonely Planet, a editora de guias de viagens. Cerantonio cresceu ali numa família meio irlandesa, meio italiana, da Calábria. Numa rua normal encontramos restaurantes africanos, lojas vietnamitas e jovens árabes a andar de uniforme salafista: barba comprida, camisa longa e calças pelo meio da canela.

Cerantonio explica a alegria que sentiu quando Bahgdadi foi declarado califa, a 29 de Junho — e a súbita atracção magnética que a Mesopotâmia começou a exercer sobre ele e os seus amigos. “Estava num hotel [nas Filipinas] e vi a declaração pela televisão”, conta. “E fiquei simplesmente pasmado, do tipo: ‘O que é que estou a fazer fechado neste maldito quarto?’”

O último califado foi o Império Otomano, que conheceu o seu apogeu no século XVI e que depois entrou num longo declínio, até o fundador da República da Turquia, Mustafa Kemal Atatürk, acabar com ele de vez, em 1924. Mas Cerantonio, como muitos apoiantes do Estado Islâmico, não reconhece legitimidade a esse califado, porque não instaurou totalmente e lei islâmica, que exige apedrejamentos e escravatura e amputações, e porque os califas não descendiam directamente da tribo do profeta, a Quraysh.

Baghdadi falou detalhadamente da importância do califado no seu sermão em Mossul. Disse que para reavivar a instituição do califado — que há mil anos que não existia, excepto de nome — era uma obrigação. Ele e os seus fiéis foram “céleres a declarar o califado e a colocar um imã” na sua chefia, diz. “Isto é um dever dos muçulmanos — um dever que durante séculos se perdeu... Os muçulmanos pecam ao perdê-lo e devem sempre procurar restabelecê-lo.” Como Bin Laden antes dele, Baghdadi fala com floreios, com referências

frequentes às escrituras e com controlo sobre a retórica clássica. Ao contrário de Bin Laden, e desses falsos califas do Império Otomano, ele é Quraysh.



Musa Cerantonio no canal islâmico Peace TV. O líder islamista diz empalidecer com os vídeos das decapitações DR

O califado, diz-me Cerantonio, não é apenas uma entidade política, mas também um veículo de salvação. A propaganda do EI noticia regularmente as declarações de *baya'a* (fidelidade) vindas de grupos jihadistas de todo o mundo muçulmano. Cerantonio cita um ditado do profeta: morrer sem prestar fidelidade é morrer *jahil* (ignorante) e por isso morrer “da morte da descrença”. Os muçulmanos (e também, neste caso, os cristãos) imaginam negociações entre Deus e as almas dos que morrem sem conhecer a verdadeira religião — não são obviamente salvas nem definitivamente condenadas. Da mesma forma, diz Cerantonio, um muçulmano que reconhece um Deus onipotente e que reza, mas que morre sem jurar fidelidade a um califa legítimo e descurando as obrigações desse juramento, não tem uma vida totalmente islâmica. Refiro que isto significa que a grande maioria dos muçulmanos ao longo da história, e todos os que morreram entre 1924 e 2014, tiveram uma morte de descrença. Cerantonio assentiu com firmeza. “Vou ao ponto de dizer que o islão foi restabelecido” pelo califado.

Pergunto-lhe sobre o seu próprio *baya'a* e ele rapidamente me corrige: “Eu não disse que iria jurar fidelidade.” Segundo a lei australiana, recorda-me ele, é ilegal prestar *baya'a* ao Estado Islâmico. “Mas concordo que Baghdadi preenche os critérios”, continua. “Eu vou pestanejar para si, e você depreende o que quiser.”

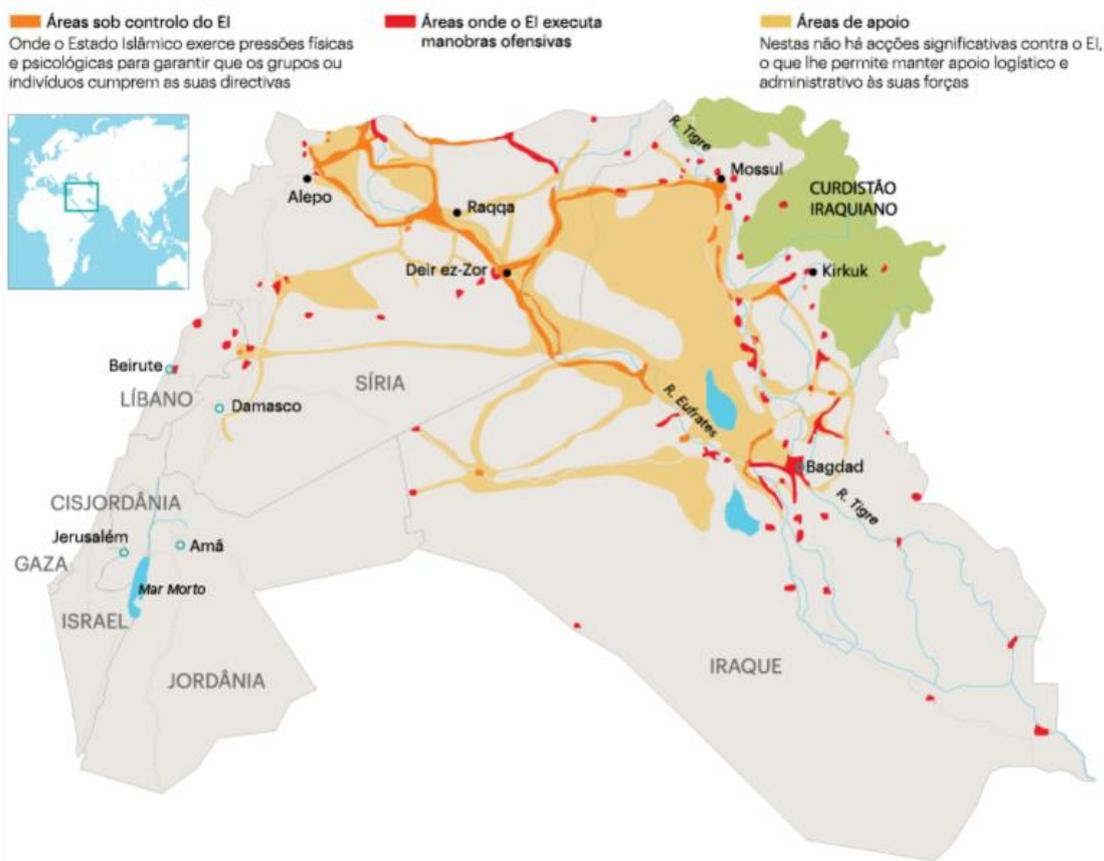
Ser califa implica cumprir uma série de condições impostas pela lei islâmica — ser adulto de ascendência *quraysh*; ter legitimidade moral e integridade física e mental; e ter *amr*, ou autoridade. Este último critério, diz Cerantonio, é o mais difícil de cumprir e requer que o califa tenha território no qual possa exercer a lei islâmica. O EI de Baghdadi conseguiu isso muito antes de 29 de Junho, diz Cerantonio, e assim que o fez, um convertido ocidental que faz parte da hierarquia — descreve-o como “uma espécie de líder” — começou a murmurar

sobre a obrigação religiosa de declarar um califado. Ele e outros falaram discretamente para os que estavam no poder, dizendo-lhes que adiar isso por mais tempo seria pecaminoso.

Cerantonio diz que apareceu uma facção preparada para combater o grupo de Baghdadi caso este adiasse ainda mais. Prepararam uma carta para vários membros poderosos do ISIS dando conta do seu desagrado pelo falhanço de nomear um califa, mas foram apaziguados por Adnani, o porta-voz, que partilhou com eles um segredo: que o califado já tinha sido declarado, muito antes do anúncio público. Eles tinham o seu califa legítimo e nessa altura só havia uma opção: “Se ele é legítimo, é preciso dar-lhe o *baya’a*”, afirma Cerantonio.

Depois do sermão de Julho de Baghdadi, uma série de jihadistas começaram a chegar diariamente à Síria com uma motivação renovada. Jürgen Todenhöfer, um autor alemão e antigo político que visitou o Estado Islâmico em Dezembro, deu conta da chegada de cem combatentes num centro de recrutamento na fronteira turca em apenas dois dias. O seu relato, entre outros, sugere uma afluência constante de estrangeiros, prontos para desistir de tudo na sua terra por um vislumbre do paraíso no pior sítio do mundo.

Bastião do autoproclamado Estado Islâmico (EI)



Fonte: www.understandingwar.org PÚBLICO

Em Londres, uma semana antes do meu almoço com Cerantonio, encontrei-me com três antigos membros de um grupo islamista chamado *Al Muhajiroun* (Os Emigrantes): Anjem Choudary, Abu Baraa e Abdul Muhid. Todos manifestaram o seu desejo de emigrar para o Estado Islâmico, tal como já tinham feito muitos dos seus colegas, mas as autoridades confiscaram os seus passaportes. Como Cerantonio, encaram o califado como o único governo legítimo da Terra, embora nenhum tenha confessado ter já jurado obediência. A principal razão pela qual quiseram encontrar-se comigo foi para me explicar aquilo que o EI defende e como as suas políticas reflectem a lei de Deus.

Choudary, de 48 anos, é o antigo líder do grupo. Aparece frequentemente nas notícias por cabo, porque é uma das poucas pessoas que os produtores podem agendar para uma entrevista e que defenderá o EI a vociferar até que o microfone seja cortado. No Reino Unido, tem fama de ser um opinativo desagradável, mas ele e os seus discípulos acreditam sinceramente no Estado Islâmico e, em assuntos de doutrina, falam com a mesma voz. Choudary e os outros destacam-se nos *feeds* dos residentes do EI no Twitter, e Abu Baraa mantém um canal no YouTube para responder a perguntas sobre a *sharia*.

Desde Setembro que as autoridades têm investigado os três homens suspeitos de apoiar o terrorismo. Por causa desta investigação, tiveram de se encontrar comigo em separado: a comunicação entre eles violaria os termos da sua liberdade condicional. Mas falar com eles foi como falar com uma única pessoa, com máscaras diferentes. Choudary foi ter a uma loja de doces no subúrbio de Ilford, no Leste de Londres. Estava bem vestido, com uma túnica azul que lhe chegava praticamente aos tornozelos, e bebericava um Red Bull enquanto falava.

Antes do califado, “talvez 85% da *sharia* estava ausente das nossas vidas”, diz-me. “Estas leis estavam suspensas até termos o *khilafa*” — um califado — “e agora temos um.” Sem um califado, por exemplo, vigilantes individuais não são obrigados a amputar as mãos dos ladrões que apanham em flagrante. Mas criando-o, esta lei, tal como um gigantesco corpo de outra jurisprudência, despertará subitamente. Em teoria, todos os muçulmanos são obrigados a emigrar para o país onde o califa está a aplicar estas leis. Um dos estudantes premiados de Choudary, um convertido do hinduísmo chamado Abu Rumaysah, fugiu da polícia e levou a sua família, de cinco pessoas, de Londres para a Síria, em Novembro. No dia em que me encontrei com Choudary, Abu Rumaysah tinha posto no Twitter uma fotografia de si próprio com uma kalashnikov num braço e o seu filho recém-nascido no outro. Hashtag: #GenerationKhilafah.

O califa é obrigado a implementar a *sharia*. Qualquer desvio levará aqueles que lhe juraram fidelidade a informá-lo em privado do seu erro e, em casos extremos, caso ele persista, a excomungá-lo e substituí-lo. (“Fui contagiado com esta grande questão, contagiado com esta responsabilidade e é uma responsabilidade pesada”, disse Baghdadi no seu sermão.) Em troca, o califa exige obediência — e aqueles que insistem em apoiar governos não

muçulmanos, depois de serem avisados e educados sobre o seu pecado, são considerados apóstatas.

Choudary afirma que a *sharia* tem sido mal compreendida por ser aplicada apenas parcialmente por regimes como a Arábia Saudita, apesar de decapitar assassinos e cortar as mãos a ladrões. “O problema”, explica, “é que quando lugares como a Arábia Saudita apenas aplicam o código penal, e não providenciam a justiça económica e social da *sharia* — o pacote completo —, estão apenas a gerar ódio contra a *sharia*.” O pacote completo, diz, incluiria habitação gratuita, alimentação e roupas para todos, sendo que qualquer pessoa que quiser enriquecer através do trabalho pode, evidentemente, fazê-lo.

Abdul Muhdi, de 32 anos, segue a mesma linha. Chega ao restaurante local onde marcámos encontro vestido como um *mujahedin* (combatente) puro: barba desalinhada, boné afegão, uma carteira pendurada na roupa presa ao que parece ser um coldre. Quando nos sentamos, mostra-se desejoso de falar sobre o apoio social. O Estado Islâmico pode ter castigos de estilo medieval para crimes morais (chicotadas por embriaguez ou fornicação, apedrejamento para adultério), mas o seu programa de assistência social é, no mínimo em alguns aspectos, progressista. A assistência social é gratuita, declara. (“Não é também gratuita no Reino Unido?”, pergunto-lhe. “Na realidade não”, responde. “Alguns aspectos não estão cobertos, como a visão.”) Esta assistência social não é uma política escolhida pelo EI, adianta. É uma política obrigatória inerente à lei de Deus.

III. O Apocalipse

Todos os muçulmanos reconhecem que Deus é o único que sabe o futuro. Mas também concordam que nos ofereceu um vislumbre, no Corão e nas palavras do profeta. O Estado Islâmico difere de praticamente todas as outras correntes actuais do movimento jihadista ao acreditar que o futuro está traçado nas escrituras divinas e é a sua personagem central. É aqui que o EI se distingue claramente dos seus antecessores, e é mais claro quanto à natureza religiosa da sua missão.

Em traços gerais, a Al-Qaeda comporta-se como um movimento político clandestino, tendo sempre em vista objectivos globais — a expulsão dos não muçulmanos da península Arábica, a abolição do Estado de Israel, o fim ao apoio às ditaduras nas terras muçulmanas. O EI tem a sua quota-parte de preocupações mundanas (incluindo, nas terras onde governa, recolher o lixo e manter a água a correr), mas o Fim dos Tempos é o *leitmotiv* da sua propaganda. Bin Laden raramente mencionou o apocalipse e quando o fez deu a entender que quando chegasse esse momento de castigo divino ele estaria morto há muito tempo. “Bin Laden e Zawahiri são de famílias sunitas da elite que olhavam com sobrançeria para este tipo de especulação e achavam que era uma coisa do povo”, diz Will McCants do Brookings Institution e que está a escrever um livro sobre o pensamento apocalíptico do EI.

Durante os últimos anos da ocupação americana do Iraque, os fundadores do EI viam, pelo contrário, sinais do fim dos tempos por toda a parte. Anteciparam

que, no prazo de um ano, chegaria o Mahdi, uma figura messiânica que levaria os muçulmanos à vitória antes do fim do mundo. McCants diz que uma responsável islamista importante foi ter com Bin Laden em 2008 para o avisar de que o grupo estava a ser liderado por homens que “falavam a toda a hora do Mahdi e que tomavam decisões estratégicas” baseadas na data em que eles pensavam que o Mahdi iria chegar. “A Al-Qaeda teve de escrever-lhes a dizer: ‘Parem com isso’.”

Para alguns verdadeiros crentes — o tipo de crentes que anseia por batalhas épicas do bem contra o mal —, as visões de banhos de sangue do apocalipse preenchem necessidades psicológicas profundas. De todos os apoiantes do EI que conheci, Cerantonio, o australiano, era aquele que mostrava mais interesse no apocalipse e de como seriam os dias que restavam ao EI — e ao mundo. Uma parte dessa previsão é nova para ele e ainda não tem o estatuto de doutrina. Mas outra parte baseia-se em fontes sunitas *mainstream* e aparecem em toda a propaganda do EI. Esta inclui a crença de que haverá apenas 12 califas legítimos e que Baghdadi é o oitavo; que os exércitos de Roma se juntarão para combater contra os exércitos do islão no Norte da Síria; e que o último confronto do islão com um anti-Messias será em Jerusalém depois de uma nova conquista islâmica.

O EI atribuiu uma grande importância à cidade síria de Dabiq, perto de Aleppo. Deu o seu nome à sua revista de propaganda e celebrou intensamente quando (a grande custo) conquistou os planaltos sem valor estratégico de Dabiq. O profeta terá dito que será aqui que os exércitos de Roma irão acampar. Os exércitos do islão encontrar-se-ão com eles, e Dabiq será a Waterloo de Roma, ou a sua Antietam [a batalha mais sangrenta da guerra civil americana].

“Dabiq é basicamente uma zona de cultivo agrícola”, twittou recentemente um apoiante do EI. “Conseguimos imaginar grandes batalhas ali.” A propaganda do EI fala com ansiedade deste acontecimento e dá a entender que ele chegará em breve. A revista cita Zarqawi: “A fagulha foi acesa aqui no Iraque e a sua chama continuará a intensificar-se... até incendiar os exércitos dos cruzados em Dabiq.” Um vídeo recente mostra imagens de filmes de guerra de Hollywood passados na época medieval — talvez porque muitas das profecias referem que os exércitos estarão montados a cavalo e a carregar armas antigas.



Parada

militar em Raqqa, a 30 de Junho de 2014 REUTERS/STRINGER

Agora que tomou Dabiq, o EI espera a chegada do exército inimigo ali, cuja derrota vai iniciar a contagem decrescente para o apocalipse. Os *media* ocidentais deixam escapar frequentemente as referências a Dabiq feitas nos vídeos do EI e focam-se em vez disso nas cenas vívidas das decapitações. “Aqui estamos nós a enterrar o primeiro cruzado americano em Dabiq, esperando ansiosamente que chegue o resto dos vossos exércitos”, dizia um carrasco de máscara num vídeo publicado em Novembro, onde se mostrava a cabeça decapitada de Peter (Abdul Rahman) Kassig, o assistente humanitário que estava sequestrado há mais de um ano. Durante os confrontos no Iraque em Dezembro, depois de *mujahedin* terem dito (talvez incorrectamente) que viram soldados americanos em combate, as contas de Twitter do EI irromperam em regozijo, como anfitriões que esperam com excesso de entusiasmo os convidados para uma festa.

A narrativa profética que prevê a batalha de Dabiq refere-se ao inimigo como Roma. Quem é “Roma”, agora que o Papa não tem exército, é um assunto em debate. Cerantonio sustenta que Roma significa o Império Romano do Oriente, que tinha a sua capital naquela que agora é Istambul. Devemos pensar em Roma como a República da Turquia — a mesma república que acabou com o último califado, há 90 anos. Outras fontes do EI sugerem que Roma pode significar qualquer exército de infiéis e que os americanos encaixam perfeitamente nessa designação.

Depois desta batalha de Dabiq, diz Cerantonio, o califado irá expandir-se e tomar Istambul. Há quem acredite que depois cobrirá a Terra inteira, mas Cerantonio sugere que esta vaga possa nunca passar para além do Bósforo. Um anti-Messias, conhecido na literatura pós-apocalíptica como Dajjal, virá da região de Khorasan, no Leste do Irão, e matará muitos combatentes do califado, até ficarem apenas cinco mil, encurralados em Jerusalém. E no momento em que Dajjal estiver prestes a acabar com eles, Jesus — o segundo profeta mais venerado no islão — voltará à Terra, expulsará Dajjal e conduzirá os muçulmanos à vitória.

“Só Deus sabe” se os exércitos do EI serão avisados, diz Cerantonio. Mas ele tem esperança que sim. “O profeta disse que um dos sinais da chegada iminente do Final dos Tempos é que as pessoas deixam de falar do Final dos Tempos durante um tempo”, diz. “Se for agora às mesquitas, verá que os pregadores estão calados sobre este assunto.” Sob este prisma, os reverses do EI não têm qualquer significado, uma vez que de qualquer forma Deus tinha contemplado a sua quase destruição. O Estado islâmico tem os seus melhores e piores dias pela frente.

IV. O combate

O purismo ideológico do Estado Islâmico tem uma virtude: permite-nos prever algumas das suas acções. Osama bin Laden raramente foi previsível. Terminou a sua primeira entrevista televisiva de forma encriptada. Peter Arnett, da CNN, perguntou-lhe: “Quais são os seus planos para o futuro?” e Bin Laden respondeu: “Irá vê-los e ouvir falar deles nos *media*, se Deus quiser.” Pelo contrário, o EI fala abertamente dos seus planos — não de todos, mas o suficiente para que, se ouvirmos com atenção, se possa deduzir como projecta governar e expandir-se.

Em Londres, Choudary e os seus discípulos fizeram descrições detalhadas de como o EI deve conduzir a sua política externa, agora que é um califado. Já assumiu aquilo a que a lei islâmica chama “jihad ofensiva”, a expansão forçada para países governados por não muçulmanos. “Estamos só a defender-nos”, afirma Choudary; sem um califado, a *jihad* ofensiva é apenas um conceito inaplicável. Mas fazer a guerra para expandir o califado é um dever fundamental do califa.

Choudary refere que as leis da guerra segundo as quais o EI se rege são de misericórdia e não de brutalidade. Diz que o Estado tem a obrigação de aterrorizar os seus inimigos — uma ordem sagrada para lhes pregar sustos de morte com decapitações e crucificações e escravatura de mulheres e crianças — porque fazê-lo acelera a vitória e evita o conflito prolongado.

O seu colega Abu Baraa explica que a lei islâmica apenas permite tratados de paz temporários, não mais duradouros do que uma década. Da mesma forma, aceitar uma fronteira é um anátema, tal como disse o profeta e é ecoado pelos vídeos de propaganda. Se o califa consente um tratado de paz prolongado ou uma fronteira permanente, estará a errar. Os tratados de paz temporários são renováveis, mas poderão não ser aplicados a todos os inimigos de uma só vez: o califa tem de lançar *ajihad* pelo menos uma vez por ano. Não pode descansar, ou estará a pecar.

Uma das comparações com o Estado Islâmico são os *khmer* vermelhos, que mataram cerca de um terço da população do Camboja. Mas o Khmer Vermelho ocupou o assento do Camboja na ONU. “Isso não é permitido”, comenta Abu Baraa. “Enviar um embaixador para a ONU é reconhecer uma outra autoridade que não Deus.” Este tipo de diplomacia é *shirk*, ou politeísmo, argumenta, e seria justificação para declarar o califa herege e substituí-lo. Mesmo o apoio ao califado por via democrática, através de eleições, por exemplo, seria *shirk*.

É difícil dizer quão prejudicado o EI será pelo seu radicalismo. O sistema internacional moderno, nascido em 1648 do tratado de paz de Vestefália, assenta na vontade de cada Estado em reconhecer fronteiras, por muito que estejam relutantes. Para o EI, esse reconhecimento é ideologicamente suicida. Outros grupos islâmicos, como a Irmandade Muçulmana e o Hamas, sucumbiram aos princípios da democracia e à possibilidade de um convite para a comunidade das nações, completado com um assento na ONU. A negociação e a cedência também funcionaram, algumas vezes, com os *taliban*. (Sob o regime *taliban*, o Afeganistão trocou embaixadores com a Arábia Saudita, Paquistão e os Emirados Árabes Unidos, um gesto que invalidou a autoridade dos *taliban* aos olhos do Estado Islâmico.) Para o ISIS, estas não são opções, mas actos de apostasia.

Os Estados Unidos e os seus aliados reagiram ao Estado Islâmico com atraso e aparente estupefacção. As ambições e a estratégia eram evidentes nos primeiros discursos e nas pistas deixadas nas redes sociais já desde 2011, quando era apenas um dos muitos grupos terroristas na Síria e no Iraque e ainda não tinha cometido atrocidades em massa. Adnani, o porta-voz, disse então aos seguidores do grupo que a ambição era “restaurar o califado islâmico” e evocou o apocalipse, afirmando: “Só restam alguns dias.” Baghdadi já se tinha apresentado como “comandante dos fiéis”, um título normalmente reservado aos califas, em 2011. Em Abril de 2013, Adnani declarou que o movimento estava “pronto para redesenhar o mundo segundo a metodologia profética do califado”. Em Agosto de 2013, afirmou: “O nosso objectivo é criar um estado islâmico que não reconheça fronteiras, segundo a metodologia profética.” Nessa altura, o grupo tinha já tomado Raqqa, uma capital provincial da Síria de cerca de 500 mil pessoas, e estava a atrair números significativos de combatentes estrangeiros que tinham ouvido a sua mensagem.

Se tivéssemos identificado mais cedo as intenções do EI e percebido que o vazio no Iraque e na Síria lhe daria amplo espaço para as concretizar, teríamos no mínimo forçado o Iraque a fortalecer a sua fronteira com a Síria e feito acordos preventivamente com os seus líderes sunitas. Isso teria no mínimo evitado o efeito da propaganda electrizante criado pela declaração de um califado logo a seguir à conquista da segunda cidade iraquiana. Mas, há pouco mais de um ano, Obama declarou à revista *New Yorker* que considerava o ISIS o parceiro mais fraco da Al-Qaeda. “Não basta uma equipa juvenil vestir o equipamento dos Lakers para se tornar um Kobe Bryant”, disse o Presidente.



Forças curdas combatem o ISIS em Sinjar, em Janeiro deste ano NIKLAS MELTIO/CORBIS

A nossa incapacidade de perceber a diferença entre o EI e a Al-Qaeda, e as diferenças essenciais entre os dois, levou a decisões perigosas. No Outono passado, para dar só um exemplo, o Governo americano aprovou um plano desesperado para salvar a vida a Peter Kassig. O plano facilitava — e até exigia — a interacção entre algumas das figuras fundadoras do EI e da Al-Qaeda, e dificilmente poderia ter sido mais debilmente improvisado.

Nele sugeria-se a aproximação de Abu Muhammad al-Maqdisi, mentor de Zarqawi e um nobre da Al-Qaeda, a Turki al-Binali, o principal ideólogo do EI e antigo aluno de Maqdisi, apesar de estarem afastados devido às críticas de Maqdisi ao Estado Islâmico. Maqdisi já tinha apelado ao EI por clemência para Alan Henning, o britânico que entrou na Síria para prestar ajuda a crianças. Em Dezembro, o *The Guardian* noticiou que o Governo americano, através de um intermediário, pedira a Maqdisi que intercedesse por Kassig junto do EI.

Maqdisi vivia então livremente na Jordânia, mas tinha ficado proibido de comunicar com terroristas no estrangeiro e estava a ser vigiado de perto. Depois de a Jordânia ter dado autorização aos EUA para apresentar Maqdisi a Binali, Maqdisi comprou um telefone com dinheiro americano e foi autorizado a comunicar com o seu antigo aluno durante alguns dias, até o Governo jordano acabar com as conversas e as usar como pretexto para o prender. Uns dias depois, a cabeça decapitada de Kassig aparecia num vídeo da Dabiq.

Maqdisi é frequentemente gozado no Twitter pelos fãs do EI, e a Al-Qaeda é também mal vista por se recusar a reconhecer o califado. Cole Bunzel, um académico que estuda a ideologia do Estado Islâmico, leu a opinião de Maqdisi sobre a situação de Henning e achou que ela iria acelerar a sua morte, tal como a de outros reféns. “Se eu estivesse preso pelo Estado Islâmico e Maqdisi dissesse que eu não deveria ser morto, diria adeus à vida”, diz-me Bunzel.

A morte de Kassig foi trágica, mas o êxito do plano teria sido uma tragédia ainda maior. Uma reconciliação entre Maqdisi e Binali teria começado a sarar a principal discórdia entre as duas maiores organizações jihadistas do mundo. É possível que o governo apenas quisesse atrair Binali para obter informação secreta ou para ser assassinado. (Várias tentativas para que o FBI comentasse falharam.) Ainda assim, a decisão de juntar os dois maiores antagonistas dos Estados Unidos revela uma surpreendente falta de senso.

Envergonhados pela nossa indiferença inicial, estamos agora a conhecer o Estado Islâmico através dos combates no Curdistão e no Iraque, com ataques aéreos regulares. Essa estratégia não desalojou o Estado Islâmico de nenhum dos seus territórios principais, apesar de ter evitado ataques directos a Bagdad e Erbil massacrando xiitas e curdos.

Alguns observadores pediram uma resposta mais forte, incluindo algumas das vozes previsíveis da direita intervencionista (Max Boot, Frederick Kagan), que apelaram ao envio de dezenas de milhares de soldados americanos. Não se deve afastar demasiado depressa este cenário: uma organização genocida está à porta de casa das suas vítimas e diariamente comete atrocidades no território que já controla.

Uma das formas de quebrar o feitiço do EI nos seus seguidores seria superá-lo militarmente e ocupar as partes da Síria e do Iraque que estão agora sob domínio do califado. A Al-Qaeda não pode ser erradicada porque consegue sobreviver, como uma barata, ficando na clandestinidade. O Estado Islâmico não. Se perder o poder nos seus territórios na Síria e no Iraque, deixará de ser um califado. Os califados não podem existir como movimentos clandestinos, porque necessitam da autoridade territorial: acabe-se com o território que comandam e todos os votos de obediência deixam de estar em vigor. Claro que alguns *freelancers* poderão continuar a apelar ao combate contra o Ocidente e a decapitar inimigos. Mas o valor propagandístico do califado desapareceria e com ele o alegado dever religioso de imigrar para o servir. Se os EUA invadissem, a obsessão do EI pela batalha de Dabiq faz deprender que seria

necessário enviar vastos recursos para lá, como se fosse uma batalha convencional. Se o Estado investisse fortemente em Dabiq e depois a perdesse, poderia nunca mais recuperar.

Mas os riscos de uma escalada são enormes. O maior defensor de uma invasão americana é o próprio Estado Islâmico. Os vídeos provocatórios, nos quais um carrasco de máscara negra se dirige ao Presidente Obama pelo nome, destinam-se claramente a arrastar os Estados Unidos para a guerra. Uma invasão seria uma enorme vitória da propaganda para os jihadistas em todo o mundo: independentemente de terem dado a *baya'a* ao califa, todos acreditam que os EUA querem lançar uma cruzada moderna e matar os muçulmanos. Mais uma invasão e ocupação confirmariam essas suspeitas e aumentariam o recrutamento. Se acrescentarmos a incompetência dos esforços anteriores enquanto ocupantes, temos razões para estar relutantes. O crescimento do ISIS, afinal, só se verificou porque a ocupação anterior abriu espaço para Zarqawi e os seus fiéis. Quem sabe quais seriam as consequências de outro trabalho mal feito?

Tendo em conta tudo o que sabemos sobre o Estado Islâmico, a melhor das opções militares será continuar a sangria lenta e a guerra por procuração. Nem os curdos nem os xiitas jamais se subjugarão nem controlarão o centro sunita da Síria e do Iraque — são odiados ali e também não têm qualquer desejo de uma aventura dessas. Mas podem impedir o Estado Islâmico de cumprir o seu desígnio de expansão. E por cada mês que falha em expandir-se fica menos parecido com o estado conquistador do profeta Maomé. Será mais um estado do Médio Oriente que não consegue trazer prosperidade ao seu povo.



Cristãos egípcios perto de Trípoli, conduzidos pelos islamistas: o vídeo foi divulgado a 15 de Fevereiro REUTERSTV



O britânico David Haines antes de ser decapitado, num vídeo difundido em Setembro de 2014 AFP

O custo humanitário da existência do EI é elevado. Mas a sua ameaça para os EUA é menor do que pode sugerir o seu permanente confronto com a Al-Qaeda. O ponto central da Al-Qaeda é raro entre os grupos jihadistas por se focar no “inimigo distante” (o Ocidente); a maior parte das preocupações da maioria dos jihadistas está mais perto de casa. Isso é especialmente verdade no caso do Estado Islâmico, precisamente por causa da sua ideologia. Vê inimigos a toda a volta e, apesar de a sua liderança não querer bem aos EUA, a aplicação da *sharia* no califado e a expansão para os territórios contíguos são prioritários. Baghdadi afirmou-o directamente: em Novembro, declarou aos seus agentes sauditas que “lidassem com os *orafidah* [xiitas] primeiro... com os *al-sulh* depois [apoiantes sunitas da monarquia saudita]... antes dos cruzados e das suas bases”.

Os combatentes estrangeiros (e as suas mulheres e crianças) têm viajado para o califado com bilhetes só de ida: querem viver sob o domínio da *sharia* e muitos desejam o martírio. Recorde-se que a doutrina exige que os crentes vivam no califado se lhes for possível. Um dos vídeos menos sangrentos do ISIS mostra um grupo de jihadistas a queimar os seus passaportes franceses, britânicos e australianos. Isto seria um gesto excêntrico para alguém que pretendesse regressar para se fazer explodir no Louvre ou tornar refém mais uma loja de chocolates em Sydney.

Alguns “lobos solitários” que apoiam o EI atacaram alvos ocidentais e mais ataques surgirão. Mas a maioria são amadores frustrados, incapazes de emigrar para o califado por terem os passaportes confiscados ou outros problemas. Ainda que o EI felicite estes ataques, e fá-lo na sua propaganda, ainda não planeou nem financiou nenhum. (O ataque ao *Charlie Hebdo* em Paris, em Janeiro, foi sobretudo uma operação da Al-Qaeda.) Durante a sua visita a Mossul, em Dezembro, Jürgen Todenhöfer entrevistou um jihadista alemão e perguntou-lhe se algum dos seus camaradas tinha regressado à Europa para lançar ataques. O jihadista falou dos retornados não como soldados mas como desistentes. “O facto é que os que regressam do Estado Islâmico devem arrepender-se do seu regresso”, afirmou. “Espero que reavaliem a sua religião.”

Se for adequadamente contido, o EI fará a sua própria implosão. Nenhum país é seu aliado e a sua ideologia garante que assim continuará. A terra que controla, apesar de poder expandir-se, é praticamente desabitada e pobre. À medida que estagnar ou que for encolhendo, o argumento de que pratica a vontade de Deus e é o agente do apocalipse perderá força e poucos crentes chegarão. E quanto mais notícias de pobreza saírem para fora, mais os movimentos islamistas radicais nos outros sítios ficarão desacreditados. Ninguém tentou tanto aplicar a *sharia* de forma tão estrita através da violência, e é isto que acontece.

Mesmo assim, é pouco provável que a morte do Estado Islâmico seja rápida e as coisas podem ainda correr muito mal: se o EI obtiver a obediência da Al-Qaeda — aumentando de uma assentada a sua base —, poderá tornar-se a pior força a que já assistimos. O fosso entre o EI e a Al-Qaeda tem crescido nos últimos meses; a edição de Dezembro da *Dabiq* trazia um relato extenso de um desertor da Al-Qaeda que descrevia o seu grupo como corrupto e ineficaz e Zawahiri como um líder distante e desadequado. Mas devemos estar atentos a qualquer aproximação.

Sem uma catástrofe como esta, ou a ameaça de o EI tomar Erbil, uma grande invasão terrestre certamente pioraria a situação.

V. Dissuasão

Seria fácil, quase uma desculpa, dizer que o problema do Estado Islâmico é “um problema com o islão”. A religião permite muitas interpretações e os apoiantes do EI estão moralmente agarrados à que escolheram. E, contudo, denunciar pura e simplesmente o EI como anti-islâmico pode ser contraproducente, sobretudo se quem ouve a mensagem conhece os textos sagrados e vê neles justificadas muitas das práticas do califado.

Os muçulmanos podem dizer que, agora, a escravatura não é legítima e que a crucificação é reprovável na actual conjuntura histórica. Isto é, de facto, o que muitos dizem. Mas não podem condenar liminarmente a escravatura ou a crucificação sem contradizer o Corão e o exemplo do profeta. “O único terreno seguro para os que se opõem [ao EI] é clamarem que alguns textos e ensinamentos do islão perderam a validade”, diz Bernard Haykel. E isso seria abjuração.

A ideologia proposta pelo Estado Islâmico exerce uma forte influência junto de uma certa camada da população. Perante ela, as hipocrisias e inconsistências da vida pura e simplesmente desaparecem. Musa Cerantonio e os salafistas que conheci em Londres são assertivos: nenhuma das questões que lhes coloquei os deixou a gaguejar. Foram muito eloquentes no seu sermão e, se aceitarmos as suas premissas, convincentes até. Dizer que são anti-islâmicos parece-me que é estar a desafiá-los para uma discussão em que saem a ganhar. Se eles fossem somente uns maníacos fala-barato, podia vaticinar que o seu movimento implodia à medida que os seus psicopatas se fazem detonar e, um a um, caem redondos no chão.



Um combatente da Al-Qaeda que tem marcada na arma a sua fidelidade à organização MEDYAN DAIRIEH/ZUMA PRESS/CORBIS

Mas estes homens falavam com uma precisão académica que só me fazia lembrar que estava perante licenciados de peso. Até gostei de estar na companhia deles, e isso deixou-me com tanto medo como tudo o resto.

Os não muçulmanos não podem dar lições aos muçulmanos sobre como devem praticar a religião. Mas, entre os muçulmanos, este não é um debate de agora. “Temos de ter padrões”, disse-me Anjem Choudary. “Qualquer um pode dizer-se muçulmano mas se acredita na homossexualidade ou em beber álcool, então não é muçulmano. Também não existem vegetarianos não praticantes.”

Há, contudo, uma outra variante do islão que oferece uma alternativa de linha dura ao EI — igualmente intransigente, mas com resultados opostos. É uma alternativa que já provou ter o seu encanto para os muitos muçulmanos amaldiçoados, ou abençoados, na ânsia psicológica de assistirem a qualquer mudança de vírgula na implementação dos textos sagrados tal como o eram nos primeiros tempos do islamismo.

Os que apoiam o EI sabem bem como deve reagir aos muçulmanos que ignoram partes do Corão: com o *takfir* [excomunhão] e ridicularizando-os. Mas sabem também que outros muçulmanos lêem tão assiduamente o Corão como eles próprios e representam uma séria ameaça à sua ideologia.

Baghdadi é salafista. O termo *salafi* foi deturpado e isso deve-se, em parte, aos patifes que têm entrado na guerra com a bandeira salafista hasteada. Mas a maioria dos salafistas não é jihadista e adere a seitas que rejeitam o Estado

Islâmico. Como refere Haykel, estão comprometidos em expandir o Dar al-Islam, a terra do islão, ainda que, eventualmente, tenham de pôr em prática coisas monstruosas como a escravatura e a amputação — mas no futuro. As suas prioridades são a purificação pessoal e o cumprimento dos ditames religiosos. E acreditam que qualquer coisa que os desvie desse caminho — que dê origem a guerras e a distúrbios que desfaçam vidas ou impeçam a prossecução dos estudos — é proibido.

Eles vivem no meio de nós. No último Outono, fui a Filadélfia visitar a mesquita de Breton Pocius, um imã que dá pelo nome de Abdullah, de 28 anos. A sua mesquita fica na fronteira entre um bairro onde reina o crime, o Northern Liberties, e uma área gentrificada a que poderíamos chamar Dar al-Hipster, na qual até a sua barba passa despercebida.

Pocius, um polaco de Chicago educado no catolicismo, converteu-se há 15 anos. Tal como Cerantonio, também ele fala como uma alma veterana, mostrando a sua familiaridade profunda com os textos antigos e o seu compromisso com os ensinamentos, na crença de que é neles que reside a salvação ao fogo dos infernos. Quando nos encontramos num café das redondezas, ele traz consigo um trabalho académico em árabe sobre o Corão e um livro de auto-ajuda para aprender japonês. Estava a preparar o seu sermão sobre as responsabilidades e obrigações da paternidade para os cerca de 150 fiéis da sua assembleia das sextas-feiras. Diz Pocius que o seu principal objectivo é encorajar os fiéis da mesquita a que conduzam as suas vidas de uma forma *halal* [aquilo que é permitido ou legal à luz da lei islâmica]. Mas o crescimento do EI têm-no forçado a equacionar determinadas questões políticas que à partida estariam longe da cabeça de qualquer salafista. “A maior parte das coisas que eles dizem sobre como devemos orar ou nos vestir é tal e qual o que transmito à minha *masjid* [mesquita]. Mas quando abordam questões sobre convulsões sociais, parecem o Che Guevara.”

Quando Baghdadi apareceu, Pocius adoptou o *slogan* “Não é o meu khalifa”. “Nos tempos do profeta, muito sangue foi derramado”, diz-me, “e ele sabia que o caos seria o pior que poderia acontecer a todos, sobretudo dentro da *umma* [comunidade].” Por isso, diz Pocius, a atitude correcta de um salafista não é semear a discórdia aderindo a facções e declarando os outros muçulmanos apóstatas. Pelo contrário, Pocius e a maioria dos salafistas acham que os muçulmanos se deveriam afastar da política. Estes salafistas reservados, como são conhecidos, concordam com o que diz o Estado Islâmico de que a única lei é a de Deus e rejeitam o voto e a criação de partidos políticos. Mas interpretam o ódio que o Corão tem ao caos e à discórdia como um pedido para que sigam o líder, seja ele qual for, incluindo os que são verdadeiros pecadores. “Diz o profeta que, enquanto o líder não ceder claramente ao *kufr* [descrença], lhe devemos toda a obediência”, explica-me Pocius, dizendo que os clássicos “livros de credo” alertam todos para o perigo da revolta social. Os salafistas reservados estão completamente proibidos de separar um muçulmano de outro, nomeadamente pela excomunhão em massa. Viver sem *baya’a*, diz Pocius, faz de uma pessoa um ignorante, ou incivilizado. Mas a *baya’a* não significa lealdade imediata e cega a um califado, e muito

menos a Abu Bakr al-Baghdadi. De uma forma mais alargada, pode querer dizer, isso sim, lealdade a um contrato social religioso e compromisso com a comunidade muçulmana, seja ela liderada por um califa ou não.

Estes salafistas preconizam que os muçulmanos devem conduzir as suas energias para o aperfeiçoamento da vida privada, incluindo a oração, os rituais e a higiene. E, assim como os judeus ultraortodoxos debatem se no Sabbath e à boa maneira *kosher* faz sentido rasgar papel higiénico em pedaços [uma das regras na preparação do descanso semanal do judaísmo] — e será que a moda da “roupa rasgada” também conta? —, eles passam uma enorme quantidade de tempo a avaliar se têm as calças demasiado compridas ou se as suas barbas estão bem aparadas num lado mas desgrenhadas no outro. Com toda esta exigente devoção, Deus, assim o crêem, irá retribuir-lhes em força e em número, e talvez um califado possa emergir. Só então, os muçulmanos terão a sua vingança, e sim, chegarão a uma vitória gloriosa em Dabiq. Mas Pocius cita alguns teólogos modernos salafistas que asseguram que um califado não vem se não da vontade indómita de Deus.

E isso é algo com que o Estado Islâmico irá com toda a certeza concordar, acrescentando que Deus já nomeou Baghdadi. A réplica de Pocius pretende apelar à humildade. E cita Abdullah Ibn Abbas, um dos companheiros do profeta, que se sentou com dissidentes e lhes perguntou como poderiam ter o descaramento, sendo eles uma minoria, de afirmar que a maioria estava errada. A dissidência propriamente dita, assim como o derramamento de sangue e a divisão da *umma*, é proibida. De certa maneira, até a constituição do califado de Baghdadi contradiz todas as expectativas, diz. “É a Alá que cabe estabelecer o *khilafa* e envolveria consenso dos eruditos de Meca e Medina. Não foi isso que aconteceu. O EI apareceu vindo do nada.”

Mas esta é uma conversa que o EI não aceita, e os seus seguidores são sarcásticos nos *tweetts* sobre os salafistas reservados. Gozam chamando-lhes “salafistas da menstruação” por causa dos seus obscuros julgamentos sobre quando as mulheres estão limpas ou não, bem como sobre outros aspectos menos prioritários da vida. “Do que precisamos agora é de uma *fatwa* [decreto] que nos indique como é *haram* [proibido] andar de bicicleta em Júpiter”, twittou um deles de forma muito seca. “É nisto que os eruditos se deviam focar. Pressionar mais do que andarem a frisar a *Umma*.” Já Anjem Chouldary diz que não há maior pecado do que a usurpação da lei de Deus e que as posições extremistas em prol do monoteísmo não devem ser vistas como fraqueza.



Baghdadi

liderando as orações num vídeo de propa propaganda video divulgado a 5 de Julho de 2014 AL-FURQAN MEDIA

Os Estados Unidos não apoiam de modo nenhum Pocius, ainda que este se apresente como alternativa de peso ao jihadismo. Tendem inclusive a desacreditá-lo. E ele é amargo e diz que a América o trata “menos do que a um cidadão”. (Alega que o governo infiltrou espões na sua mesquita e assediou a mãe no trabalho colocando-lhes questões sobre ele ser um potencial terrorista.)

Contudo, o seu salafismo apresenta-se como antídoto ao jihadismo ao estilo de Baghdadi. Nem todos os que chegam à fé ansiosos por lutar podem escapar do jihadismo, mas para aqueles cuja principal motivação é encontrar uma versão ultraconservadora e inflexível do islão, esses têm aqui a alternativa. Não é o islão moderado, alguns vê-lo-ão mesmo como extremado. É, contudo, a versão do islão que até para as mentes mais literais não é hipócrita nem foi expurgada de forma blasfémica dos seus inconvenientes. A hipocrisia não é pecado que as mentes mais jovens da teologia tolerem.

O melhor seria que as autoridades ocidentais parassem de lançar mais achas para a fogueira do debate teológico islâmico. O próprio Barack Obama, ao afirmar que o EI não é “islâmico”, entrou nas profundas correntezas do *takfiri* e derrapou — logo ele, que ironicamente é um não muçulmano filho de um muçulmano que até poderia ser considerado apóstata e agora pratica o *takfir* contra os muçulmanos. Os não muçulmanos que agem conforme os requisitos do *takfir* gracejam com os jihadistas (“Como porcos cobertos de porcarias que dão lições de higiene a outros”, twittou um deles).

Imagino que a maioria dos muçulmanos aprecie os sentimentos de Obama: o Presidente mostrou estar do lado deles e contra Baghdadi e os chauvinistas não muçulmanos que os tentam implicar nos crimes. Mas a maioria dos muçulmanos não é sujeita a juntar-se à *jihad*. E os que aderem vêm confirmadas as suas suspeitas de que os Estados Unidos mentem sobre a religião para alcançar os seus objectivos.

E o EI lá vai cantando e rindo, trauteando energicamente — até com criatividade — dentro dos limites apertados da sua teologia. Mas fora desses limites não poderia ser mais árido ou silencioso: uma visão da vida enquanto obediência, ordem e destino. Muse Cerantonio e Anjem Choudary tanto podem estar a discutir mortes em massa e tortura diária como as virtudes do café do Vietname e de bolos demasiado açucarados. E fazem-no com aparente deleite. Parece-me, contudo, que abraçar os seus pontos de vista seria ver todos os sabores que existem neste mundo tornarem-se insípidos por comparação às atrocidades grotescas do que pode aí vir no futuro.

Até posso apreciar a companhia de um e de outro, enquanto exercício intelectual que me faz sentir tão culpado quanto me dá prazer... mas até um certo ponto. Na recensão que George Orwell fez ao *Mein Kampf*, em Março de 1940, o escritor confessou: “Nunca consegui sentir antipatia por Hitler”; apesar dos seus objectivos abomináveis e cobardes, havia qualquer coisa de pobre coitado naquele homem. “Se matava um rato que fosse, fazia-o como se de um dragão se tratasse.” Os apoiantes do EI têm uma *allure* muito semelhante. Acreditam estar pessoalmente envolvidos numa luta que transcende as suas vidas e que o simples facto de serem arrastados para o drama, estando no lado do bem, é um privilégio e um prazer — sobretudo se for igualmente um fardo.

O fascismo, continuava Orwell, é “psicologicamente muito mais sólido do que qualquer ideia hedonista da vida... Enquanto o socialismo, e até mesmo o capitalismo de uma forma mais relutante, tem dito às pessoas ‘dou-te a oportunidade de passares um bom bocado’, Hitler disse às pessoas “dou-vos luta, perigo e morte, e em resultado teve uma nação prostrada a seus pés... Não devemos subestimar o encanto que possa ter ao nível das emoções. Nem, no caso do EI, o seu encanto religioso ou intelectual”. Que o EI sustente como dogma o cumprimento iminente da profecia, isso ao menos transmite-nos o valor do nosso opositor. Está disposto a louvar a sua quase autodestruição mas mantém-se confiante, mesmo quando cercado, de que irá receber a graça divina se se mantiver fiel ao modelo profético. As ferramentas ideológicas podem convencer alguns dos possíveis convertidos de que a sua mensagem de grupo é falsa, e as ferramentas militares podem impor limites aos seus horrores. Mas para uma organização tão impenetrável à persuasão como é o EI, poucas medidas importarão, e a guerra pode bem vir a ser longa, ainda que não termine com o fim dos tempos.

Exclusivo PÚBLICO/The Atlantic



Membros yazidi fogem dos confrontos com os islamistas em Sinjar, rumo à fronteira com a Síria, em Agosto passado RODI SAID/REUTERS

Os ataques terroristas de Paris e a "narrativa oficial"

– The Matrix estende o seu alcance

Paul Craig Roberts

http://resistir.info/franca/roberts_atentos_14nov15.html

Apenas uma hora após os ataques de Paris e ainda sem qualquer prova, foi



Tal como no 11/Set/2001 em que milagrosamente o passaporte de um sequestrador conseguiu escapar de um avião em chamas e aterrar aos pés de um polícia de Nova York, também em Paris a polícia francesa já conseguiu achar um passaporte sírio.

gravada na pedra a narrativa de que os perpetradores eram do ISIL. É assim que funcionam os trabalhos da propaganda.

Quando o ocidente faz isto ele sempre tem êxito porque o mundo habituou-se a seguir a sua liderança. Admirei-me por ver, por exemplo, os serviços noticiosos russos ajudarem a propalar a narrativa oficial dos ataques de Paris apesar de a própria Rússia ter sofrido tantas vezes com narrativas falsas fabricadas.

Será que os media russos esqueceram o MH-17? No mesmo minuto em que era transmitida a narrativa de que o avião da Malaysian fora atingido por um míssil russo sobre a Ucrânia oriental nas mãos de separatistas, a culpa era atribuída à Rússia. E é onde a culpa permanece apesar da ausência de prova.

Será que os media russos também esqueceram a "invasão russa da Ucrânia"? Esta narrativa ridícula é aceite por toda a parte no ocidente como verdade sagrada.

Será que os media russos se esqueceram do livro daquele editor alemão de jornal, o qual escreveu que todo jornalista importante europeu era um activo da CIA?

Alguém poderia pensar que a experiência teria ensinado os media russos a serem cauteloso quanto a explicações que têm origem no ocidente.

Temos agora o que provavelmente é mais uma falsa narrativa estabelecida como verdade. Assim como uns poucos sauditas com canivetes enganaram todo o aparelho de segurança nacional dos EUA, o ISIL conseguiu adquirir armas não adquiríveis e enganar a inteligência francesa enquanto organizava uma série de ataques em Paris.

Por que é que o ISIL fez isto? Tiro pela culatra pelo pequeno papel da França na violência do Médio Oriente?

Por que não os EUA ao invés?

Ou será que o objectivo do ISIL era ter o fluxo de refugiados para dentro a Europa bloqueado por fronteiras fechadas? Será que o ISIL quer realmente manter todos os seus oponentes na Síria e no Iraque quando, ao invés, pode conduzi-los para a Europa? Por que tem de matar ou controlar milhões de pessoas impedindo a sua fuga?

Não espere quaisquer explicações ou questionamentos por parte dos media acerca da narrativa que está estabelecida como verdade definitiva.

A ameaça ao establishment europeu não é o ISIL. As ameaças são a ascensão de partidos políticos anti-UE e anti-imigrantes: Pegida na Alemanha, o UKIP na Grã-Bretanha e a Frente Nacional em França. Os inquéritos mais recentes mostram a Frente Nacional de Marine Le Pen à frente como a provável presidente francesa.

Algo tinha de ser feito acerca das hordas de refugiados provocadas pelas guerra de Washington, ou os partidos políticos do establishment serão confrontados com a derrota às mãos de partidos políticos que também são adversos à subserviência de Washington à Europa.

As regras da UE acerca de refugiados e imigrantes e a aceitação de um milhão de refugiados pela Alemanha, juntamente com fortes críticas àqueles governos na Europa do Leste que quiseram erguer muros para manter os refugiados do lado de fora, tornou impossível o encerramento de fronteiras.

Com os ataques terroristas de Paris, o que era impossível tornou-se possível e o presidente da França imediatamente anunciou o encerramento das fronteiras a França. Os encerramentos de fronteiras propagar-se-ão. A questão principal dos partidos políticos dissidentes em ascensão será neutralizada. A UE estará segura e, assim, a soberania da Europa sobre a Europa.

Se os ataques de Paris foram ou não operações de bandeira falsa com a finalidade de obter estes resultados, estes resultados serão as consequências dos ataques. Estes resultados servem os interesses do establishment político europeu e de Washington.

Será o ISIL tão pouco refinado que não tenha percebido isso? Se o ISIL for tão pouco refinado, como é que ele tão facilmente enganou os serviços franceses de inteligência? Na verdade, pode a inteligência francesa ser inteligente?

Podem os povos do ocidente ser inteligentes a ponto de cair numa narrativa forjada antes de qualquer prova? No ocidente, os factos são criados por declarações de governos no seu próprio interesse. A investigação não faz parte do processo. Quando 90 por cento dos media estado-unidenses são possuídos por seis mega corporações, não pode haver qualquer diferença.

Na medida em que [The Matrix](#) aumenta o absurdo das suas afirmações, ela no entanto consegue tornar-se ainda mais invulnerável.

14/Novembro/2015

Ver também:

- [The Paris Terrorist Attacks, “9/11 French-Style”, “Le 11 septembre à la française”](#) , Michel Chossudovsky
- [CONFIRMED: French Government Knew Extremists BEFORE Paris Terrorist Attack](#) , Tony Cartalucci
- [Paris Terror Attacks: Blowback or False Flag? France Declares a State of Emergency](#) , Stephen Lendman
- [Ça sent la merde ces attentats de Paris!](#) , Isabelle
- [Le communiqué de l'Élysée que vous ne lirez pas](#) , Viktor Dedaj

□ [Le Bataclan revendu le 11 septembre. Exercices "multi-sites" du Samu de Paris le matin même](#) , Alexander Doyle

O original encontra-se em [www.globalresearch.ca/...](http://www.globalresearch.ca/)

Este artigo encontra-se em <http://resistir.info/> .

É possível derrotar o ISIS?

[Guga Chacra](#)

[Editado](#) ·

Dá para derrotar o ISIS, também conhecido como Grupo Estado Islâmico ou Daesh, responsável pelos atentados em Paris, Beirute (Líbano), Ancara (Turquia), Badgá (Iraque) e contra o avião russo no Sinai (Egito)? Dá sim, claro. Vários grupos terroristas foram derrotados, como os Tigres Tâmil, no Sri Lanka, o ETA, na Espanha, o IRA, na Irlanda, e o Grupo Islâmico Armado, na Argélia, entre dezenas de outros. Muitos se enfraqueceram, incluindo a Al Qaeda. Afinal, a Al Qaeda de hoje não é nem sombra do que era no começo da década passada, com o 11 de Setembro, Madrid, Londres e Bali.

E como derrotar o ISIS? Não tem receita, não será simples e não será rápido. Basicamente, temos de dividir em três ofensivas distintas – como combater o ISIS em seu território, como evitar atentados do ISIS e como eliminar a ideologia do ISIS

Como combater o ISIS no seu território?

Sabemos apenas que a atual estratégia de bombardeios aéreos não vem dando certo. O ISIS, apesar de algumas derrotas, ainda mantém controle sólido de partes da Síria e do Iraque, incluindo Mossul, segunda cidade do país. Talvez seja necessário o uso tropas terrestres. Estas não precisam ser necessariamente americanas, embora o apoio logístico dos EUA seja fundamental. O ideal, para derrotar o ISIS na Síria, seria um acordo para estabilizar o conflito entre o regime de Bashar al Assad e outros grupos opositores, incluindo os radicais. As forças de ambos mais os curdos, com o suporte da Rússia, dos EUA, do Irã, da França, da Turquia e de países árabes, realizariam uma ofensiva por terra contra o ISIS. Mas Assad? Sim, Assad. O regime dele não faz atentados em Paris, o ISIS faz. E, no Iraque, usar o Exército iraquiano, treinado pelos EUA, se reaproximar das tribos sunitas e continuar a aliança com os curdos. Obviamente, falar é fácil. Afinal, nesta coalizão, há muitos inimigos e derrotar o ISIS não é a prioridade de alguns deles. Mas, lembrando da Segunda Guerra, foi necessário se unir aos inimigos soviéticos para derrotar o regime nazista da Alemanha. O ISIS equivale aos nazistas neste momento. Assad, Irã e Rússia são os soviéticos.

Como evitar atentados?

Deve-se observar quem conseguiu bons resultados contra o terrorismo. O exemplo mais óbvio é os EUA. Os americanos, desde o 11 de Setembro, conseguiram evitar mega atentados no país. Já são 14 anos. A maratona de Boston não pode ser equiparada a Paris ou Beirute, por exemplo. Foi uma ação de dois irmãos, agindo como lobos solitários, e que deixou poucas vítimas fatais. De uma certa forma, a vitória parcial contra a Al Qaeda nos EUA (o

grupo ainda atua no Yemen e na Síria) indica que a melhor receita para derrotar o terrorismo extremista islâmico é o reforço na segurança, um bom serviço de inteligência e trabalho em conjunto com muçulmanos moderados em suas instituições e mesquitas, os integrando à sociedade. O governo americano faz isso com sucesso.

Como combater a ideologia do ISIS?

O ISIS segue a ideologia wahabbita, que é uma vertente ultra extremista do islamismo sunita. É a mesma do Taleban, da Al Qaeda, do Boko Haram e do Al Shabab. No passado, esta ideologia era praticamente restrita à Arábia Saudita. Mas o regime saudita e seus braços no serviço de inteligência passaram a disseminar o wahabbismo ao redor do mundo por meio de mesquitas e madrassas. A partir deste momento, uma parcela crescente do islamismo sunita começou a se radicalizar. Outras vertentes mais moderadas do islamismo sunita, bem mais laicas, como as existentes na Síria e na Turquia, por exemplo, perderam força. Lembro que o primeiro atentado suicida cometido por um sunita ocorreu no começo dos anos 1990 (e as maiores vítimas do terrorismo são os próprios muçulmanos). Mas, neste caso, quem dissemina esta ideologia é visto muitas vezes como um aliado ocidental. Sem combater a ideologia do ISIS, surgirá outro grupo radical no lugar, assim como o próprio ISIS substituiu a Al Qaeda.

Sonya Boskovich



As organizações terroristas mais ricas do mundo. Parte 2

A revista Forbes Israel divulgou dados sobre as finanças das organizações terroristas “mais ricas” do mundo. Quem são? Das 10 organizações, uma é da Europa, outra é da América Latina, duas são da África, três são do Oriente Médio e outras três da Ásia.

4 Janeiro, 14:17



As organizações terroristas mais ricas do mundo. Parte 1

A revista Forbes Israel divulgou dados sobre as finanças das organizações terroristas “mais ricas” do mundo. Quem são? Das dez organizações, uma é da Europa, outra é da América Latina, duas são da África, três são do Oriente Médio outras três da Ásia.

[/www.youtube.com/watch?v=K7IVJxoiTg4](https://www.youtube.com/watch?v=K7IVJxoiTg4)



Brigitte Gabriel - Resposta A Uma Muçulmana

YOUTUBE.COM

Os EUA estão aplicando no Oriente Médio, sucessivamente, a estratégia de destruir as instituições dos Estados árabes laicos, herdeiros do antigo nacionalismo árabe. Isso foi admitido publicamente por altas autoridades americanas. Falidos os Estados, desatam-se guerras civis intermináveis (no Brasil ocorreria a mesma coisa).

Nesse contexto, surgiu o chamado estado islâmico, apoiado, incentivado ou, pelo menos, tolerado pelos EUA e seus aliados, por ser duplamente funcional, co...

[Ver mais](#)



Entrevista General Wesley Clark - Legendado Português

Democracy Now é um programa diário de notícias de TV / Rádio, apresentado por Amy Goodman e Juan Gonzalez, distribuído em mais de 900...

YOUTUBE.COM



[Vídeo de jornalista do Le Monde é resumo da barbárie promovida pelo Estado Islâmico em Paris;...](#)

Gente pendurada em janelas, sendo arrastada

VIOMUNDO.COM.BR

[Cesar Benjamin](#)

8 min · [Rio de Janeiro](#) ·

As pessoas insistem em apresentar uma imagem tenebrosa dos povos do Oriente Médio, como se xiitas, sunitas, alauítas e outros grupos se matassem desde sempre, fanatizados, imersos em irremovível barbárie. Isso é falso. Esses grupos sabem conviver em paz, sendo muito comuns os casamentos mistos e a formação de famílias extensas sem identidade sectária. Isso é especialmente verdadeiro na Síria, um país moderno para os padrões da região, onde a tolerância (inclusive em relação às minorias cristãs) era a norma. O Estado sírio, odiado pelos fundamentalistas, é laico, e a condição das mulheres no país é bastante decente (nada disso se pode dizer dos Estados monárquicos e feudais apoiados pelos Estados Unidos).

O incentivo ao sectarismo religioso sempre foi a política dos colonizadores e dos invasores.

Para visualizar o que aconteceu no Iraque, na Síria e na Líbia nos últimos anos, imaginem que uma potência externa conseguisse destruir todas as instituições do Estado brasileiro – forças armadas, polícia, Justiça, Parlamento, governos de todos os níveis, moeda, universidades... E que, em

seguida, essa potência passasse a financiar e armar toda espécie de grupos, desde o Comando Vermelho, o PCC e as milícias, até fundamentalistas religiosos, passando por todo tipo de candidatos a senhores da guerra. Logo começaria no Brasil uma guerra civil cruel e infindável (se é que já não estamos nela...).

Mutatis mutandis – pois cada sociedade tem a sua própria configuração – é o que acontece nas sociedades árabes fortemente impactadas por esse tipo de intervenção externa. As potências intervencionistas sempre se aliaram ao que havia de pior, exterminando os elementos mais progressistas dessas sociedades. Em vez de promoverem a cultura, promoveram ativamente a barbárie, com armas e dinheiro. O que vemos é o fruto dessa opção.

Fico surpreso com a capacidade de resistência que o Estado sírio demonstrou diante de tão gigantesca agressão: são entre 50 mil e 70 mil mercenários, recrutados em inúmeros países, treinados e armados, contando com retaguarda segura fora do território em disputa. Realizam ações terroristas, em larga escala, todos os dias.

Se Hafez Assad não tivesse amplo apoio popular já teria sido derrubado há muito tempo. O próprio exército sírio – como qualquer outro exército nacional – não aceitaria lutar quatro anos contra seu próprio povo. O que o mantém ativo é a clara percepção de que a nação está em perigo por causa de uma agressão externa, agressão de um tipo que nem Hitler perpetrou.

Não contem comigo para ficar calado. Um abraço.

Ataques que mataram 129 em Paris foram conduzidos por três comandos terroristas

[http://www.publico.pt/mundo/noticia/ataques-em-paris-dezenas-de-](http://www.publico.pt/mundo/noticia/ataques-em-paris-dezenas-de-mortos-varios-locais-atacados-dezenas-de-refens-em-sala-de-espectaculos-1714407)

[mortos-varios-locais-atacados-dezenas-de-refens-em-sala-de-](http://www.publico.pt/mundo/noticia/ataques-em-paris-dezenas-de-mortos-varios-locais-atacados-dezenas-de-refens-em-sala-de-espectaculos-1714407)

[espectaculos-1714407](http://www.publico.pt/mundo/noticia/ataques-em-paris-dezenas-de-mortos-varios-locais-atacados-dezenas-de-refens-em-sala-de-espectaculos-1714407)

SÉRGIO B. GOMES , JOÃO PEDRO PEREIRA , ALEXANDRE MARTINS , LUCIANO ALVAREZ , HUGO TORRES , RICARDO GARCIA , FREDERICO BATISTA , VERA MOUTINHO , CLÁUDIA LIMA CARVALHO , CLARA BARATA , TIAGO LUZ PEDRO e ANA BRITO

Há dois portugueses — uma mulher e um homem — entre os 129 mortos nos atentados. Hollande fala em “acto de guerra” e diz que a França será “implacável” na luta contra o Estado Islâmico, que já reivindicou o ataque. Vários detidos na Bélgica.

Relacionados

- [Terror em Paris](#)
- [Bataclan, o palco de uma carnificina](#)
- [Portugal em contacto com autoridades francesas](#)
- [#PortasAbertas, uma *hashtag* para encontrar abrigo seguro em Paris](#)
- [Atentados durante eventos desportivos](#)

Hollande admite que França entregou armas a rebeldes na Síria ²

21 ago 2014 | Artigos

Tags: França · Hollande · Iraque · Patrocínio a terroristas · Síria · Terrorismo

Compartilhar

Fonte AlManar/Spanish



O presidente francês, François Hollande, admitiu hoje pela primeira vez, a entrega de armamento do seu país aos grupos que ao longo de três anos tem tentado derrubar o legítimo governo sírio.

Em uma extensa entrevista ao jornal Le Monde, Hollande disse que o armamento estava dirigido a apoiar o que ele chamou de “oposição democrática” e, segundo ele, os materiais doados cumprem os “compromissos europeus.”

Enquanto o Ocidente tenta separar os chamados “moderados” de grupos terroristas, outros países têm alertado para a impossibilidade de fazer essa diferença, porque seus membros mudam frequentemente de lado, dependendo da remuneração recebida.

Sem citar nomes, esta semana o governo de Damasco criticou alguns países que pretendem “combater o terrorismo”, quando na verdade o patrocinam.

Em suas declarações ao jornal Le Monde, o presidente francês também se referiu à situação no Iraque e disse que a França e os EUA são os únicos que estão armando os curdos para enfrentar os extremistas do chamado Estado Islâmico (EI) no norte desse território.

Segundo Hollande, a entrega de armamento está sendo feita “com o consentimento das autoridades de Bagdá para que não haja nenhuma dúvida sobre o uso desses meios.”

De acordo com o presidente francês, a ameaça de EI é pior do que a Al-Qaeda em 2001.

“Diante de um estado quase terrorista, não podemos mais manter a discussão tradicional de intervenção ou não intervenção. Devemos considerar uma estratégia global”, disse o presidente.



Diferenças entre um “terrorista” e um “moderado” segundo EUA.

DW- Em junho deste ano, o presidente de EUA, Barack Obama, aprovou o uma ajuda financeira de 500 milhões de dólares destinada a “treinar e equipar” os rebeldes sírios “moderados” que combatem tanto o presidente Bashar al-Assad como o grupo extremista sunita Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL) segundo o site DW.

Oficialmente, o apoio dos EUA aos rebeldes sírios foi limitado logo no início do conflito, em março de 2011: 287 milhões de dólares em material não letal. Entretanto, a CIA participou de um programa secreto de treinamento militar dos rebeldes “moderados” na Jordânia.

Os 500 milhões pedidos em junho por Obama fazem parte de um pacote de 1,5 bilhão de dólares dedicado a uma “iniciativa de estabilização regional” para ajudar a oposição a Damasco e os vizinhos da Síria – Jordânia, Líbano, Turquia e Iraque – a lidarem com as consequências da guerra civil síria nos seus territórios.

O 1 bilhão restante destina-se aos países vizinhos, para fortalecerem a segurança interna, as fronteiras e a capacidade de receberem refugiados sírios.

O presidente americano anunciou a decisão num discurso na Academia Militar de West Point, no qual também revelou a criação de um fundo de 5 bilhões de dólares para financiar a luta contra o terrorismo.

Estado Islâmico surgiu da invasão do Iraque pelos EUA, diz autor

americano

CLAUDIATREVISAN

16 Maio 2015 | <http://internacional.estadao.com.br/blogs/claudia-trevisan/estado-islamico-surgiu-da-invasao-do-iraque-pelos-eua-diz-autor-americano/>

O que está na origem do surgimento do Estado Islâmico (EI) não é a religião muçulmana, mas questões políticas relacionadas ao histórico ocidental colonialista, ao apoio dos EUA a regimes autocráticos no Oriente Médio e à invasão americana do Iraque, avalia o professor de religião Todd Green, que acaba de lançar o livro *The Fear of Islam: An Introduction to Islamophobia in the West* (O Medo do Islam: Uma Introdução à Islamofobia no Ocidente).

“Não podemos contar a história do ISIS separada da política externa dos Estados Unidos”, disse ao **Estado**, usando uma das siglas pelas quais o grupo é conhecido. Segundo ele, a gênese do EI está na invasão do Iraque pelos Estados Unidos, que abriu caminho para o surgimento da Al Qaeda no Iraque, a organização precursora do grupo que hoje controle parte dos territórios daquele país e da Síria.

Professor de religião do Luther College, em Iowa, Green é crítico da ativista Ayaan Hirsi Ali, que nasceu na Somália, foi submetida à mutilação genital e hoje vive nos Estados Unidos. “Ela ignora a história de violência ocidental, incluindo o colonialismo”, afirma. “Ela coloca toda a culpa nos muçulmanos e no islã e há muitos no Ocidente que a adoram por isso.”

A seguir, trechos da entrevista:

O sr. escreveu um artigo no qual disse que perguntar se o Estado Islâmico é islâmico ou não é uma questão equivocada. Por quê?

É uma pergunta simplista e a resposta não é tão relevante como se supõe. O grupo muitas vezes invoca ensinamentos do islã para tentar justificar o que está fazendo. Mas isso não nos diz nada sobre o que realmente motiva o ISIS (outra sigla pela qual o grupo é conhecido).

A presunção por trás da pergunta é a de que se nós entendermos o aspecto religioso, nós entenderemos o que motiva o ISIS e poderemos derrotá-lo. Nós temos o mesmo pressuposto em relação à Al Qaeda.

A maneira mais fácil de complicar essa questão é perguntar como o islã pode produzir o ISIS e, ao mesmo tempo, Malala Yousafzai, a mais recente vencedora do Prêmio Nobel da Paz? Ambos se baseiam no islã como fontes de inspiração. O que o foco no islã realmente nos diz sobre o que move um grupo como ISIS? Há muitas forças mais complicadas, sociais, econômicas e políticas. São as condições políticas que levam à emergência do ISIS.

A pergunta também é problemática porque desvia nossa atenção de uma questão mais perturbadora: qual o papel da política externa dos Estados Unidos em criar as condições que levam ao surgimento do ISIS. Não haveria ISIS se não fosse pela invasão e ocupação do Iraque pelos EUA, que abriu a porta para a Al Qaeda no Iraque, o grupo precursor do ISIS. Não podemos contar a história do ISIS separada da política externa dos Estados Unidos.

A principal força é política?

Sim. E o mesmo ocorre com a Al Qaeda. Quando você lê e estuda os textos de Osama bin-Laden, vê que ele se refere com frequência à Palestina, às tropas americanas, à Arábia Saudita, a intervenções militares americanas, à história do colonialismo americano. Isso não torna o que ele faz correto, da mesma maneira que não justifica os atos do ISIS. Mas se nós queremos explicar como esses grupos emergem, nós precisamos ser honestos em relação às circunstâncias políticas que dão origem a eles.

Uma das histórias interessantes em relação ao ISIS envolve o jornalista francês Didier François, mantido em poder do grupo por cerca de dez meses e libertado há um ano. Quando ele fala de sua experiência, ele diz que quase todas as suas conversas com membros do ISIS eram políticas, não eram religiosas.

Se é uma questão política, qual a melhor maneira de enfrentá-la?

Se vemos como um problema político, nós focamos em soluções políticas. Mas se vemos como um problema do islã, a resposta é a de que essa é uma questão que os próprios muçulmanos devem resolver. Os Estados Unidos tendem a ignorar essas realidades políticas. Se você lê o relatório da Comissão

do 11 de Setembro, a conclusão final sobre por que ele ocorreu está relacionada ao islã, a um problema interno do mundo islâmico. Não há nenhuma reflexão naquele documento sobre o papel desempenhado pelos Estados Unidos, incluindo nosso apoio a regimes autocráticos e terríveis, que é amplamente conhecido no Oriente Médio.

E o conflito Israel-Palestina?

Até que haja uma boa solução para esse conflito sempre haverá tensões. Mas não vejo vontade política suficientes nos Estados Unidos para fazer o que é necessário para resolvê-lo. O apoio a Israel ainda é pouco questionado na elite política.

Qual é sua resposta para Ayaan Hirsi Ali (que nasceu na Somália e hoje vive nos EUA), para quem a violência do Estado Islâmico e de outros grupos extremistas tem raízes no islã e há uma necessidade de reformá-lo?

No meu livro eu falo bastante de Ayaan Hirsi Ali. Ela é uma ex-muçulmana que usa seu status de iniciada para criticar o islã. Sua audiência não são os muçulmanos. Sua audiência é o Ocidente. Mas quando examinamos seus argumentos, eles se desmontam rapidamente. Em primeiro lugar, houve vários movimentos de reforma do islã, principalmente a partir do século 19. Em segundo lugar, a ideia de que a violência é conectada de maneira orgânica ao islã pressupõe que 1,6 bilhão de pessoas no mundo interpretam os textos e tradições do islã da mesma maneira, o que não é verdade. Na última década, três vencedores do Prêmio Nobel da Paz eram muçulmanos. O Corão tem passagens que encorajam atos de violência ou guerra justificada, mas encontramos isso na Bíblia também.

Minha maior crítica em relação a Hirsi Ali é que ela ignora a história de violência ocidental, incluindo o colonialismo. Ela ignora a predominância do racismo na história do Ocidente. Ela coloca toda a culpa nos muçulmanos e no islã e há muitos no Ocidente que a adoram por isso.

Eu trato da questão da violência do islã no meu livro, mas também abordo a questão da violência ocidental. A percepção de muitos políticos e de pessoas como Ayaan Hirsi Ali é a de que o islã equivale à violência e o Ocidente, à paz. O Ocidente tem uma história de escravidão, de exploração de populações nativas e algumas tentativas de genocídio. Nós torturamos, e não apenas na guerra ao terror. Isso é violência e é parte da percepção que as pessoas têm dos Estados Unidos em outras regiões. Mas nós não falamos disso. Nós falamos do islã e a violência.

E qual é a solução?

É necessário ter uma significativa reavaliação da política externa no Ocidente, em especial nos Estados Unidos. Nós temos um histórico muito ruim quando se trata de apoiar democracias no Oriente Médio. Nós favorecemos muitos regimes autocráticos em razão da estabilidade que eles nos oferecem.

Em casa, nós temos que construir mais relações entre muçulmanos e não-muçulmanos. Nos Estados Unidos quase dois terços da população diz que não ter uma relação pessoal com alguém que é muçulmano. Quando você não conhece um muçulmano, é fácil permitir que toda a sorte de desinformação preencha esse vácuo. Mas quando tem amigos, vizinhos e colegas de trabalho que são muçulmanos é mais fácil contextualizar a situação diante do ISIS. Outra questão é a educação. Nós não sabemos o suficiente sobre o islã.

O fracasso da Primavera Árabe acaba justificando essa visão mais realista e pragmática da política externa americana, não?

Certamente há muita desilusão com a Primavera Árabe. Mas seu fracasso não decorre do fato de a maioria da população não querer a democracia, mas sim do enraizamento desses regimes autocráticos no Oriente Médio e da ambivalência do Ocidente em relação a quem apoiar na região. No começo da Primavera Árabe no Egito, a administração Obama estava fortemente ao lado de (Hosni) Mubarak, que era um clássico ditador, com um histórico horrível na área de direitos humanos. Hillary Clinton o chamava de amigo da família. Só dias antes de ele deixar o poder é que os Estados Unidos começaram a adotar um tom diferente.

Quando olhamos para pesquisas Gallup, nós vemos que há uma grande parcela da população no Oriente Médio que quer democracia. Isso para mim é promissor. Mas regimes autocráticos enraizados não desaparecem facilmente.

Como o sr. define islamofobia?

Minha definição básica é o medo, hostilidade e ódio em relação aos muçulmanos e ao islamismo e as práticas discriminatórias e excludentes que decorrem disso. É um sentimento enraizado na mentalidade de muitos governos e nações ocidentais, onde essas ansiedades são proeminentes em amplos segmentos da população. Há uma longa história, que remonta à Idade Média e obviamente vem até o Século 21. Não é um medo novo, ainda que algumas das forças que o movam hoje sejam um pouco distintas do que eram 500 ou 600 anos atrás.

E quais são essas forças?

Eu atribuo a atual islamofobia a três forças. A primeira é política. Há uma longa história de imperialismo ocidental que constrói os muçulmanos como o inimigo. Em parte pela percepção de que muçulmanos ficam no caminho de ambições

imperialistas, seja no choque com o Império Otomano no século 16, no colonialismo europeu do início do Século 20 ou no imperialismo americano do século 21. Os muçulmanos são percebidos como um grande obstáculo e frequentemente são desumanizados.

As outras duas causas são a falta de conhecimento que muitos ocidentais têm em relação ao islã. Muito poucas pessoas nos Estados Unidos ou na Europa realmente sabem alguma coisa sobre tradições e história islâmicas. A maioria do que pensamos que sabemos vem principalmente da mídia, que tende a associar o islã à violência e ao terrorismo.

Ou vêm de pessoas dedicadas a produzir medo, como Pamela Geller. É o que chamo no meu livro de indústria da islamofobia. Isso cria um vácuo de ignorância que faz com que seja mais difícil ver os muçulmanos como humanos, como pessoas que compartilham muitos dos valores, esperanças e medos que nós temos.

Qual o papel de Pamela Geller nessa indústria?

Às vezes me refiro a isso como islamofobia profissional. Quase sempre são ativistas ou blogueiros de direita, às vezes políticos na Europa e nos Estados Unidos, que ganham a vida demonizando e desumanizando muçulmanos. Nós não saberíamos quem eles são além de sua devoção a esse empreendimento. Não é um grupo de pessoas que ocasionalmente critica o islã. São pessoas que se beneficiam financeira e politicamente do esforço de demonizar muçulmanos.

O atentado contra a revista *Charlie Hebdo* na França e a tentativa de atacar o concurso de caricaturas de Maomé no Texas facilita a vida dos que promovem a islamofobia, não?

É difícil não concluir que isso impulsiona a carreira de alguém como Pamela Geller. Eu acredito que ela explora esse tipo de tragédias. O concurso de caricaturas de Maomé no Texas era uma resposta ao tiroteio contra a *Charlie Hebdo* em Paris. De muitas maneiras, o evento era uma exploração da grande tragédia que ocorreu.

Como o sr. compara os dois episódios? Geller apresentou o seu evento como uma defesa da liberdade de expressão.

Eu não acredito que nenhum dos eventos deve ser tratado como uma questão de liberdade de expressão. Certamente não acredito que esse é o tipo de discussão que deveríamos ter em relação ao evento de Geller. Não era sobre liberdade de expressão. Geller gostaria que falássemos de que isso é um conflito entre a proibição da liberdade de expressão do islã. Mas não é sobre isso. É sobre ódio e é sobre isso que deveríamos falar em relação a Geller.

No caso do *Charlie Hebdo* é um pouco mais complicado porque a revista se dedica à sátira e ela não é dirigida apenas contra muçulmanos. Tenho uma série de críticas em relação à *Charlie Hebdo* e tenho uma divergência fundamental quanto à definição do que é sátira. E não penso que tudo o que eles fazem é sátira. Mas eles não criticam apenas muçulmanos, enquanto Geller só ataca muçulmanos.

Se o que *Charlie Hebdo* faz não é sátira, o que é?

É humor ruim. Não sei nem se humor é a palavra correta. Certamente é comentário político, mas minha definição, sátira tem por alvo pessoas em posição de poder ou privilégio. E os muçulmanos na França e no restante da Europa não estão em posição de poder e privilégio. Eles integram comunidades marginalizadas, não têm muitos líderes proeminentes e tendem a não ter voz. Focar uma comunidade que já é marginalizada fica fora do propósito da sátira política. Sátira é realmente sátira quando atinge aqueles que estão em posição de poder e privilégio.

[Carmen Lícia Palazzo](#)

58 min · [Brasília](#) · [Editado](#) ·

Há cerca de 20 anos, em função de minhas pesquisas, eu lido com as diversas religiosidades não como meu objeto principal de trabalho mas enquanto fatos sócio-culturais e do ponto de vista da chamada História Antropológica. Evidentemente, um historiador que tratar deste e de temas afins e quiser provar que uma religião é MELHOR do que outra não terá como fazer um trabalho isento! Cristãos, muçulmanos, hinduístas, judeus, zoroastristas etc etc cometeram suas atrocidades e também praticaram ações muito positivas em diversas época. Por outro lado, as sociedades se desenvolvem em RITMOS DIFERENTES então, enquanto algumas já conseguiram separar religião de Estado, outras ainda têm um longo caminho pela frente. Mas, como historiadora, sei que é MUITO ERRADO utilizar as escrituras sagradas da religião X ou Y para mostrar que estas ou aquelas são mais ou menos violentas. É óbvio que não vou pegar passagens do Antigo Testamento para dizer que judeus ou mesmo cristãos são em geral violentos e não posso fazer o mesmo com o Corão, nem com os Vedas ou por aí afora. Isto é o básico que aprendi com meus mestres em muitos anos de estudo, de cursos, de seminários e de pesquisas. Lidar com História das Religiões é um trabalho extremamente difícil, conheço alguns pesquisadores que são religiosos que conseguem fazer seu trabalho com isenção, mas sei o quanto isto é problemático principalmente para quem professa uma religião de verdade revelada. De qualquer maneira fica meu alerta e lamento muito ter que fazer esta colocação, pois sei que vai incomodar alguns amigos, mas me sinto responsável enquanto professora por alertar meus alunos e ex-alunos: não podemos explicar o terrorismo citando trechos violentos do Corão, isto é

ERRADO, da mesma maneira que não podemos fazer o mesmo com o Antigo Testamento, com os Vedas, etc etc como acabo de dizer. Conheço o tema, li não apenas TODO o Corão MUITAS VEZES, como todos os hadiths considerados "autenticados" e fico pasma de ver quando retiram frases do contexto. Os muçulmanos na Espanha, em Al Andalus, principalmente entre os séculos VIII e XI criaram uma sociedade que foi MUITO MAIS TOLERANTE do que a Europa cristã na mesma época. Uma civilização BRILHANTE. E aí, citaríamos o Corão para justificá-la? E com que texto sagrado seria justificada a BÁRBARA expulsão dos judeus e depois dos muçulmanos da Espanha, pelos cristãos? Este meu post é dedicado a meus alunos e ex-alunos, CUIDADO para quem está COMEÇANDO a pesquisar, não vamos cair no SENSACIONALISMO, não vamos cair nas ACUSAÇÕES SIMPLES, o caminho não é este!

..."A economia entrelaça-se, de forma intensa, com a política. De acordo com os dados de Igor Pankratenko, redator-chefe da revista Irã Contemporâneo, entre os criadores estrangeiros do Estado Islâmico estão:

- Jeffrey Feltman, ex-embaixador dos EUA no Líbano,
- o príncipe Bandar bin Sultan, o então chefe das forças especiais sauditas, o emir do Qatar,
- bem como as lideranças dos serviços secretos turcos,
- britânicos,
- franceses.

Ainda em março de 2013, a britânica The Guardian, publicou a informação de que na preparação dos guerrilheiros sírios no território da Cisjordânia participam, além da CIA, instrutores da Grã-Bretanha e da França.

E o primeiro-ministro iraquiano, Nouri al-Maliki, chamando os EUA de "cúmplices" de jihadistas, anunciou que, tal como escreve a Itar-Tass, "uma das bases" onde os EUA preparam os guerrilheiros do EI, fica na Turquia, perto de uma base da OTAN, na região do aeródromo de Incirlik..."(S.B)

Quem criou o Estado Islâmico e quem lucra com isso?

http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_09_14/Quem-criou-o-Estado-Islamico-e-quem-lucra-com-isso-9774/



Foto: AP/Raqqa Media Center of the Islamic State group

Não é por acaso que o mundo teme seriamente o alastramento rápido do grupo terrorista Estado Islâmico (EI). O grupo tem uma grande base financeira. Está avaliado em cerca de dois bilhões de dólares norte-americanos. O portal russo vestifinance.ru elencou os mais ricos grupos terroristas do mundo. Entre eles encontra-se o EI.

A economia entrelaça-se, de forma intensa, com a política. De acordo com os dados de Igor Pankratenko, redator-chefe da revista *Irã Contemporâneo*, entre os criadores estrangeiros do EI estão Jeffrey Feltman, ex-embaixador dos EUA no Líbano, o príncipe Bandar bin Sultan, o então chefe das forças especiais sauditas, o emir do Qatar, bem como as lideranças dos serviços secretos turcos, britânicos e franceses.

Ainda em março de 2013, a britânica *The Guardian*, [publicou a informação](#) de que na preparação dos guerrilheiros sírios no território da Cisjordânia participam, além da CIA, instrutores da Grã-Bretanha e da França. E o primeiro-ministro iraquiano, Nouri al-Maliki, chamando os EUA de “cúmplices” de jihadistas, anunciou que, tal como escreve a *Itar-Tass*, “uma das bases” onde os EUA preparam os guerrilheiros do EI, fica na Turquia, perto de uma base da OTAN, na região do aeródromo de Incirlik.

Quanto à participação da Arábia Saudita e do Qatar na criação do EI, é testemunha a publicação, em junho, por parte da agência iraniana *Fars* de um documento, assinado pelo encarregado dos Negócios do Qatar na Líbia, Nayef bin Abdullah al-Amadi. Nele refere-se que o emirado contratou 1.800

guerrilheiros, provenientes de Marrocos e de outros países do Norte de África, para participarem em ações militares no Iraque, do lado do EI. Os terroristas receberam preparação militar em bases militares na Líbia e receberam o salário em mão, pago pela Arábia Saudita e pelo Qatar, no valor de 700 dólares.

Entretanto, em junho, aquando do início do ataque por parte do EI, as autoridades de Riad, manifestaram-se veementemente contra a intervenção estrangeira no conflito iraquiano, acusando Bagdá de “política sectária”. As autoridades do Qatar manifestaram-se com acusações análogas às das autoridades xiitas. E até Obama, não obstante os pedidos de ajuda de Bagdá, não teve pressa com os raids aéreos para neutralizar o ataque do EI. Parece que todos estavam a espera de que os terroristas se estabelecessem em determinados territórios. Então, em algumas semanas, o EI tomou o controle de cerca de um terço do território do Iraque, bem como de parte das províncias sírias.

Apesar dos média ocidentais chamarem o EI de "horda de fanáticos religiosos", calam o mais importante: trata-se de uma guerra pelo petróleo. O EI continua a conquistar as regiões ricas em petróleo do Iraque e da Síria. Os terroristas controlam os dois principais oleodutos: um através do qual é fornecido petróleo à Síria, foi fechado, o outro continua a funcionar. Através dele, o petróleo vai do Curdistão iraquiano, para o Ceyhan turco, e depois para Israel.

Levanta-se a questão: como é que os terroristas podem vender o petróleo em mercados internacionais, que são controlados, quase totalmente, pelos EUA? A 29 de julho, o Conselho de Segurança da ONU, aprovou a declaração, preparada pela Rússia, contra a aquisição de crude a milícias sírias e iraquianas, incluindo ao Estado Islâmico. Mas o comércio continua. O petróleo é transportado ilegalmente por intermediários turcos, ao preço de 25 dólares o barril. [The Telegraph informa](#) que os guerrilheiros recebem quase um milhão de dólares por dia pela venda de petróleo das regiões que controlam.

O maior prejuízo é sentido pelo Irã, pela Síria e pelos xiitas iraquianos. O território ocupado pelos guerrilheiros está completamente isolado da Síria, dos xiitas iraquianos e do Irã. Os acontecimentos no Iraque reduziram a capacidade do Irã de apoiar Bashar Assad. O avanço futuro do EI para o sul do Iraque foi travado por esforços conjuntos das forças iraquianas de árabes xiitas, bem como divisões das forças especiais iranianas que entraram no Iraque. De acordo com fontes iraquianas, iranianas e ocidentais, o general iraniano Qasem Soleimani encontra-se na capital iraquiana e é responsável pela preparação da defesa da capital e pelas ações militares. Os iranianos estão focados, principalmente nos lugares sagrados xiitas. Parece que apenas Teerã está empenhado na luta contra as milícias EI.

Mas a derrota do EI não é um fato. Existe uma grande probabilidade de se fixar no território ocupado, no mínimo, até continuar a existir o atual regime da Síria e até do Irã. Contudo, quem ganha são outros países – os EUA, Turquia, Israel e Arábia Saudita.

Leia

mais: http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_09_14/Quem-criou-o-Estado-Islamico-e-quem-lucra-com-isso-9774/

A história bizarra da origem do ISIS – o auto denominado “Estado Islâmico”

3 jul 2015 | Terrorismo Internacional

Tags: " Filhos do Iraque" · "Esquadrão da Morte"; · Americanos no Iraque; · Campo Bucca; · EUA · Invasão ; · prisioneiros

Compartilhar

A história bizarra da origem do ISIS, um dos grupos mais radicais existentes hoje

ISIS é a sigla em inglês para “Estado Islâmico no Iraque e na Síria”, também conhecido como “Estado Islâmico do Iraque e do Levante”, ou, hoje em dia, apenas como “Estado Islâmico” (EI).

Embora muitos se refiram ao EI como um grupo terrorista, essa é uma categorização simplista para explicar o que ele representa. Chuck Hagel, que foi secretário de Defesa dos Estados Unidos até pouco tempo atrás, disse que o EI era um projeto de Estado com armas sofisticadas, uma ideologia totalitária e recursos abundantes obtidos por meio de financiamento externo.

O grupo começou como mais um dos vários que se opunham ao regime de Bashar al-Assad na Síria, mas hoje afirma ser a autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos do mundo e tenta impor uma versão ultraconservadora do Islã a diversos países.

E como uma organização como essa, conhecida por ser uma dissidência da Al-Qaeda, a qual acusou de não ser suficientemente radical, surgiu e se tornou tão forte tão de repente? Afinal, poucos de nós haviam ouvido a sigla “ISIS” antes de um ou dois anos atrás.

O site americano Cracked conversou com várias pessoas que estiveram no Iraque e chegou à conclusão de que, se os EUA não for o pai do ISIS, é pelo menos algum tipo de tio. Isso por que...

5. Os EUA colocaram todos os seus líderes no mesmo campo



Durante a Guerra do Iraque, entre 2003 e 2011, soldados americanos e da coalizão passaram muito tempo lutando e capturando dezenas de milhares de combatentes insurgentes no país, colocando-os sempre no mesmo lugar: Campo Bucca, no Iraque.

O local tornou-se um importante centro de detenção de... Qualquer pessoa. Provavelmente, isso fez com que o Bucca virasse uma espécie de “escola de extremismo”.

Nove principais líderes do Estado Islâmico passaram um tempo em Campo Bucca. Uma das fontes do Cracked, que pediu para permanecer anônima, esteve lá durante o mesmo tempo que um homem chamado Abu Bakr Al-Baghdadi. Se esse nome soa familiar para você, é porque ele é o chefe da ISIS e autoproclamado califa do Estado Islâmico:



“Não podíamos chamar o Campo Bucca de prisão, porque ninguém que estava lá havia sido acusado ou condenado de qualquer coisa”, explica a fonte. Ou seja, qualquer um pegando fazendo qualquer coisa que os EUA não gostassem era jogado lá, uma maneira fácil de acabar tornando jovens irritados em extremistas violentos. Nunca saberemos quantos homens inocentes acabaram radicalizados como resultado de seu encarceramento no Campo Bucca (é possível que até 90% dos reclusos tenham sido originalmente presos por engano), mas não é à toa que um dos antigos comandantes do local o tenha descrito como uma “panela de pressão para o extremismo” – no Twitter!



4. Os radicais aprenderam a trabalhar juntos



Muitos dos detidos de Bucca, longe de casa pela primeira vez em um campo de prisioneiros, estavam compreensivelmente solitários e assustados. Logo, os presos mais radicais ofereceram apoio emocional, o que facilitou a radicalização de seus companheiros mais tarde.

Além disso, uma vez que estavam dentro dos muros de Bucca, todos tinham que viver sob uma versão estrita da lei islâmica – muito em linha com a forma como o ISIS opera hoje.

A fuga de Bucca era difícil, mas, dentro das cercas, os presos tinham a liberdade para fazer cumprir muitas de suas próprias regras e até mesmo realizar punições letais em outros detidos que quebrassem essas regras. A fonte do Cracked diz que, depois de punir alguém arbitrariamente, os outros detidos simplesmente o levavam para perto das cercas do campo e diziam que o haviam encontrado assim.

Estima-se que muitos dos futuros líderes e soldados do ISIS tiveram sua primeira experiência de trabalho e planejamento de ataque juntos dentro do Campo Bucca, onde mostraram a mesma criatividade e astúcia que lhes permitiu tomar conta de pelo menos metade do Iraque nos últimos anos.

Funcionários da “prisão” tentaram segregar os mais radicalizados dos mais pacíficos, mas isso não impediu que ambos se misturassem e até mesmo esquematizassem juntos. “Eles passavam notas entre si. Um grupo fazia um motim de um lado, enquanto outro fazia uma fuga do outro”, explica a fonte.

De qualquer forma, o Campo Bucca deixou vários insurgentes violentos em contato uns com os outros, obrigando-os a trabalhar em equipe.

3. Os EUA recrutaram ex-terroristas para lutar contra terroristas



Lembra dos “Filhos do Iraque”? Em suma, eram um bando de muçulmanos sunitas da província de Anbar que organizaram um exército financiado pelos

militares dos EUA para estabilizar a região. O único problema é que muitos deles começaram suas carreiras “militantes” lutando exatamente contra soldados americanos e civis iraquianos.

Uma segunda fonte consultada pelo Cracked, um soldado americano estacionado em Anbar naquele momento, recordou sua primeira reunião com alguns dos homens que se tornariam os Filhos do Iraque. Os EUA não tinham aliados locais competentes. O novo exército iraquiano, treinado e equipado pelos americanos, não era bom. A solução foram esses caras.

Os Filhos do Iraque não eram grandes fãs dos Estados Unidos, mas eram competentes (alguns deles tinham lutado contra os EUA durante anos) e queriam dinheiro.

E como as pessoas começaram a aceitar pagar aqueles que tinham sido seus inimigos apenas algumas semanas antes? Em alguns casos, mentiu-se que os Filhos do Iraque eram apenas cidadãos locais, agricultores, preocupados com a sua comunidade. Ou dizia-se que eles lutavam contra os EUA porque Al-Mahdi lhes pagava, e os americanos começaram simplesmente a pagar melhor.

De qualquer maneira, não demorou muito para que os militares percebessem que estes extremistas perigosos armados não tinham que obedecer às mesmas regras de guerra que os soldados americanos. Ou seja...

2. Os EUA transformaram o ISIS em um organizado esquadrão da morte



O termo “esquadrão da morte” é preciso para descrever os Filhos do Iraque. Qualquer pessoa que a ONU não deixava os EUA matar, o país alegremente passava para o “esquadrão”, o que significa que elas acabavam mortas de qualquer jeito.

Nos últimos cinco meses que a segunda fonte do Cracked passou lá, de abril a agosto de 2007, os soldados americanos não sofreram ataques. Do lado dos mais mortais, eles estavam também mais seguros.

Só que os Filhos do Iraque não tinham quaisquer regras específicas para seguir. Durante patrulhas americanas, se os americanos invadiam uma casa, as mulheres choravam. Se os Filhos do Iraque estavam junto, eram os homens que choravam, pois sabiam que iam morrer – sem dúvida alguma.

O esquadrão tinha praticamente carta branca para jogar qualquer um em qualquer vala. Se isso parece horrível, é porque era. Uma queda de 90% da

violência na região foi atribuída diretamente devido aos Filhos do Iraque – pelo medo que todos tinham deles. E o que tudo isso tem a ver com o ISIS?

Os EUA delegaram a responsabilidade por ambos os grupos ao governo iraquiano, e logo surgiu o ISIS

<http://www.orientemidia.org/a-historia-bizarra-da-origem-do-isis-o-auto-denominado-estado-islamico/>



Em 2008, o presidente Bush deu ao governo iraquiano o controle sobre todos os prisioneiros feitos na guerra, incluindo aqueles no Campo Bucca. Assim, os iraquianos libertaram Abu Bakr Al-Baghdadi em 2010, sob a suposição de que ele tinha tirado todo o terrorismo de seu sistema. Ele se tornou o líder do ISIS no mesmo ano.

- **Nem mesmo respirar é seguro no Iraque**

Usar os Filhos do Iraque como um esquadrão da morte funcionou muito bem só para os EUA, visto que causou uma queda acentuada na violência contra seus soldados. Terminado esse propósito, em 2008, o governo americano quis se livrar deles, passando-os ao controle dos iraquianos.

Em 2011, o país caiu nas mãos do primeiro-ministro Nouri Maliki, um muçulmano xiita. Ele imediatamente mandou prender seu vice em comando, que era sunita. Em seguida, parou de pagar os Filhos do Iraque de maioria sunita.

Sem emprego, muitos deles se juntaram ISIS por, novamente, dinheiro. A maioria dos Filhos do Iraque foi na verdade assassinada pelo grupo ao invés de se tornar um aliado dele, mas o que realmente importa era que o maior obstáculo do Estado Islâmico tinha ido embora. O exército iraquiano continuou tão ineficaz quanto sempre foi, de forma que o ISIS agora controla mais de metade do país.

Conclusão: os EUA cutucaram ali, cutucaram ali, e só fizeram o cocô feder mais. Espera-se que eles aprendam a lição um dia, mas isso não deve acontecer tão cedo. Como uma última curiosidade divertida, o financiamento dos Filhos do Iraque custou aos Estados Unidos cerca de US\$ 200 milhões por ano. O Pentágono estima que vai custar US\$ 22 bilhões por ano para continuar lutando contra o ISIS. [Cracked, BBC]

Autor: **Natasha Romanzoti** tem 25 anos, é jornalista, apaixonada por esportes, livros de suspense, séries de todos os tipos e doces de todos os gostos

<http://hypescience.com/historia-bizarra-da-origem-do-isis-um-dos-grupos-mais-radicais-existentis-hoje/>

3 Janeiro, 13:48

As organizações terroristas mais ricas do mundo. Parte 1

http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2015_01_03/As-organiza-es-terroristas-mais-ricas-do-mundo-Parte-1-9348/

© Foto: East News/Kate Brooks / Polaris

Foto de arquivo

A revista Forbes Israel divulgou dados sobre as finanças das organizações terroristas “mais ricas” do mundo. Quem são? Das dez organizações, uma é da Europa, outra é da América Latina, duas são da África, três são do Oriente Médio outras três da Ásia.

No último lugar na lista, com 25 milhões de dólares, está Boko Haram (o que significa em árabe Pessoas Dedicadas aos Ensinaamentos do Profeta para Propagação e Jihad), um grupo fundamentalista islâmico nigeriano fundado em 2002. A sede do grupo encontra-se em Maiduguri, uma cidade no nordeste da Nigéria.

O objetivo de Boko Haram é a criação no norte da Nigéria de um “estado puramente islâmico” baseado na lei Sharia e a erradicação completa do modo de vida ocidental. As fontes de financiamento são roubos, inclusive de bancos, resgates por reféns, bem como contribuições privadas de comerciantes da região do norte que usam o grupo na luta pelo poder.

A única organização terrorista europeia, o Verdadeiro Exército Republicano Irlandês (IRA), ocupa o nono lugar, com um orçamento de 50 milhões de dólares. A organização paramilitar chamada de Exército Republicano Irlandês (IRA) existe desde 1905. A Verdadeira IRA separou-se do IRA em 1997, não concordando em cooperar com as autoridades britânicas para restabelecer a paz na Irlanda do Norte.

Ainda desde o início dos anos 90 o grupo começou a comprar empresas legalmente existentes, reforçando esta tendência após o anúncio do armistício. Os negócios pertencentes à IRA são principalmente bares, hotéis, boates, lojas, prédios de apartamentos, restaurantes, cadeias de lojas. Uma das principais fontes de rendimento é o contrabando de cigarros, que a IRA importa para a Irlanda em contentores da Europa. O grupo também está envolvido em contrabando e produção ilegal de bebidas alcoólicas. Uma das principais fontes de financiamento são fornecimentos ilegais de combustível, o que custa à tesouraria britânica centenas de milhões por ano em impostos não pagos. O grupo somali Al-Shabaab, que ocupa o oitavo lugar e tem 70 milhões de dólares, significa “juventude” em árabe. Este grupo foi formado em 2006 como uma jovem ala radical da agora extinta União dos Tribunais Islâmicos que combatia as tropas etíopes que invadiram a Somália para apoiar o fraco governo local. O grupo Al-Shabaab juntou-se à Al-Qaeda em fevereiro de 2012. A Eritreia apoia Al-Shabaab porque o grupo se opõe à Etiópia, antigo inimigo da Eritreia.

No sétimo lugar, com 100 milhões de dólares, está o grupo terrorista paquistanês Lashkar-e-Taiba (Guerreiros Nobres ou Árvore do Bem numa tradução aproximada do Árabe) que opera também no Afeganistão. Ele conta com o apoio financeiro tácito do serviço de inteligência paquistanês, recebe dinheiro da Caxemira e de paquistaneses que vivem nos países do Golfo Pérsico, no Reino Unido e noutras partes do globo. Os sauditas também foram pioneiros da criação desta organização e participaram ativamente na sua expansão.

Em sexto lugar está a Al-Qaeda, uma organização terrorista internacional com células clandestinas autônomas em 50 países do mundo, com um orçamento superior a 150 milhões de dólares. Os tipos de financiamento da Al-Qaeda são os seguintes: tráfico de drogas, doações e presentes de indivíduos e organizações religiosas, principalmente de apoiantes nos países do Golfo Pérsico, em particular da Arábia Saudita. Outro patrocinador da Al-Qaeda é o serviço de inteligência militar paquistanês Inter-Services Intelligence (ISI). Estas organizações que inspiram medo a todo o mundo têm orçamentos fabulosos. E quando o mundo fala de dificuldades em encontrar dinheiro para crianças famintas na África ou para apoiar desempregados na Europa, ele deve se lembrar dessas estruturas com bilhões de dólares em rendimento.

Aparentemente, elas não têm nenhuma crise econômica.

Leia mais: http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2015_01_03/As-organiza-es-terroristas-mais-ricas-do-mundo-Parte-1-9348/



-
-

-
- É um espaço pra comentar, noticiar e debater economia, política, futebol, cinema, boemia, música...

SOBRE A ÚLTIMA SEXTA-FEIRA 13

EconomiaOpiniãoPolítica — 14 novembro 2015 -

<http://www.alemdeeconomia.com.br/blog/?p=17042>



Desde ontem, sexta-feira 13, o mundo está atônito e anestesiado após mais um ataque fundamentalista e terrorista este ano em Paris.

Alguns questionam o porquê concede-se tanta atenção a este fato e quase nenhuma para outros fatos similares. Talvez uma das explicações, possa ser a representatividade histórica da França, ou por ser um país Central tanto do ponto de vista político como econômico ou, também, pelo fato de ser uma cidade cosmopolita. No entanto, a tragédia que aconteceu ontem em Paris não é maior ou menor que as tragédias espalhadas no mundo, como por exemplo, a incansável guerra entre israelenses e palestinos.

Evidentemente, minimamente, a solidariedade se faz necessária em qualquer momento quando vidas humanas, inocentes e lutadoras por uma sociedade justa e solidária são ceifadas em atos similares e terroristas de tal envergadura.

Talvez uma lição que ainda não aprendemos e devemos nos atentar, seria sobre a generosidade (algo que não cabe no capitalismo e muito menos para o Capital); em tempos de (Des)Ordem, no entanto, poderia ser o melhor negócio para o mundo e para a espécie humana. Para tal, a compreensão e o respeito

a diversidade, as crenças, aos credos, as opções políticas, sexuais etc. é essencial; algo ainda que precisamos lutar e construir para melhorarmos a nós mesmos.

Neste momento de dor não temos que ser somente solidários aos(as) franceses(as), mas sim, com toda humanidade.

Por fim, espera-se e imagina-se que todo esse fundamentalismo (religioso e não religioso) e intolerância, após mais essa lição, sejam abandonados por completo do cotidiano dos seres humanos, haja vista, estamos no século XXI.

Paris, 13 novembro 2015: um relato entre a barbárie, a incerteza e a esperança

REDAÇÃO

14 Novembro 2015 | <http://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/paris-13-novembro-2015-um-relato-entre-a-barbarie-a-incerteza-e-a-esperanca/>

Zilma Borges, professora de Gestão Pública na FGVSP e pesquisadora em Ação Pública, Dinâmicas Territoriais e Desenvolvimento Urbano-Rural. Realiza pós-doutorado na Université Paris-Dauphine e na École des Hautes Études en Sciences Sociales-Paris.

No período de um ano e alguns meses que estou morando em Paris, essa é a segunda vez que a cidade sofre ataques que desestabilizam a sociedade e que se mostram eficazes em gerar um sentimento de medo e terror.

O primeiro ocorreu ainda em janeiro com o objetivo de demonstrar, de forma destruidora, oposição ao tipo de jornalismo que o periódico Charlie Hebdo fazia contra o islamismo extremista. Daquela vez o povo francês foi às ruas na “Marche Républicaine”, manifestação que foi conclamada como uma chamada contra o terrorismo e pela defesa da liberdade de crítica, do direito à fala e à diferença. A população respondeu ao chamado, e mais de 1,5 milhão de pessoas caminhou entre a Place de la République e a Place de la Nation, sem palavras de ordem, sem cantos, com conversas à meio tom, em sentimento de luto e palmas que vinham aos poucos como uma onda, passavam e deixavam novamente o silêncio.

Nesse 13 de novembro, o ataque foi ao cidadão comum, ocorreu no cotidiano de uma sexta-feira à noite, como um atentado ao direito de ir e vir, à liberdade de circulação. Sem alvo específico, as mortes foram definidas pelos locais. Em casa de show e bares de bairros movimentados, perto da Place de la République, local que simboliza a organização das grandes manifestações populares em Paris, como a ocorrida após o atentado ao Charlie Hebdo. Pelas análises de especialistas, o objetivo traçado pelo grupo jihadista Estado Islâmico, que reivindicou o ataque, não teria sido completamente alcançado, porque homens-bomba não conseguiram entrar no Stade de France, durante o jogo da França contra a Alemanha. Mas conseguiram mandar um forte recado de força e planejamento, diretamente para François Hollande, presente no estádio.

Paris ser atacada de novo representa uma fragilidade do Sistema Internacional e hoje o discurso do presidente era de que a França está em estado de guerra. Neste período no país, entre os dois atentados, pude perceber melhor o que a palavra guerra significa. A memória resgatada em placas nos locais onde soldados e cidadãos foram mortos, homenagens públicas constantes para que ninguém se esqueça da dor e das perdas, hábitos de consumo moderados no âmbito privado e no uso de bens públicos, são efeitos perceptíveis nas gerações dos filhos de quem viveu a guerra e sentiu a escassez.

No atual momento os problemas relacionados à imigração e à intolerância religiosa mostram uma realidade ainda longe de soluções que deem conta da complexidade social que foi posta em xeque. Os debates públicos sobre os erros das políticas colonialistas do passado, as regras de austeridade nas fronteiras, as constantes mortes de refugiados em fuga de seus países. Tudo isto faz sentir uma interconexão entre a Europa, o oriente-médio e África de uma forma muito visível. Interconexão que sempre esteve presente nas estratégias de crescimento econômico, nas relações internacionais e nos jogos de poder.

Mas há uma clara diferença agora: tudo isso é possível de se sentir nas ruas. As filas de controle para entrar nos museus, nas Universidades, em igrejas e monumentos, o número de policiais fortemente armados nos metrô, a sensação de vigilância e controle no cotidiano. Desde janeiro 2015 isto foi reforçado e deixa uma ameaça no ar para franceses, turistas e quem esteja morando em Paris. Mas, até 13 de novembro, a cidade ainda guardava uma sensação de segurança nas ruas.

Hoje, dia 14, quando vi as fotos das filas de doação de sangue em hospitais franceses, uma resposta imediata de uma população que não se fechou em

casa e enfrentou a insegurança, lembrei da demonstração coletiva que senti na passeata do Charlie Hebdo. Tenho visto maneiras solidárias de viver do povo francês, que me parecem tão preciosas para eles, como o interesse em discutir seriamente e argumentar sobre questões políticas, a vida em sociedade, e a economia.

As formas de viver o coletivo me chamam a atenção. Em razão do tipo de trabalho que realizo aqui, estive em contato com associações, empreendimentos populares, squats (moradias populares), as formas de sociabilidade na banlieue (periferia) parisiense. Participei de debates sobre inovação na forma de construir as políticas públicas e de diálogo entre sociedade e Governo. Todavia, junto a tudo isto, algo amedronta: o risco de propagação de visões nas quais o cidadão comum passe a ver o outro como ameaça, a personificar os problemas e culpabilizar o estrangeiro ou apenas quem pense diferente, como sendo a causa dos problemas e, além disto, passível de ser atacado.

Fica a constatação de que precisamos repensar a educação política e as formas de debate sobre a sociedade, para poder gerar projetos que incluam as controvérsias como parte da história, com toda a sua complexidade. Mas voltamos também, não só na França, ao reconhecimento de quanto é fundamental redirecionar as questões sobre a responsabilidade dos Estados e o papel da sociedade na construção de soluções inclusivas e de outros modelos de desenvolvimento.

CHORO DE HOLLANDE, LÁGRIMAS DE CROCODILO



14/11/2015

por [Breno Altman](#)

4.1K

Os ataques terroristas perpetrados pelo Estado Islâmico, em Paris, são abomináveis e medonhos.

Ataques massivos e aleatórios contra alvos civis, fora de qualquer cenário bélico, constituem regressão inaceitável diante dos acordos contra a barbárie forjados no século XX.

A resposta mundial a estes crimes não pode ser outra além de repulsa a seus autores e solidariedade às vítimas.

Mas esta atitude, de condenação a ações armadas contra homens e mulheres inocentes, não deve se confundir com aplausos ao presidente François Hollande e seus aliados.

Tampouco seria apropriado sua absorção pelo discurso do choque de civilizações, incessantemente repetido por meios de comunicação em todos os recantos.

Este palavreiro sobre confronto de valores, entre democracia e terror, não passa de artifício para esconder o ovo da serpente.

A crescente violência entre os povos muçulmanos, muitas vezes banhada pelo desespero e a loucura social, somente pode ser explicada pela ação permanente de rapina das potências ocidentais.

A origem da dor dos franceses não está no islamismo, mas nos Estados dominados pela vertente imperialista da cultura cristã, onde nasceu o colonialismo como sistema afrontoso à autodeterminação dos povos.

O colapso da União Soviética, no final dos anos oitenta, levou os Estados Unidos à conclusão de que poderia desfechar ampla ofensiva pelo controle do Oriente Médio e suas riquezas petrolíferas.

Esta estratégia, ao menos até 2001, estava determinada pela construção de uma nova aliança com governos árabes, protegendo os interesses de Israel e isolando lideranças indispostas à hegemonia da Casa Branca.

Não havia espaço, em tal configuração, para movimentos islâmicos que tinham sido estimulados para enfrentar os soviéticos no Afeganistão, pois eram profundas suas contradições com as forças que governavam os principais países de maioria muçulmana.

Estes grupos rapidamente se deslocaram para uma narrativa antiocidental e religiosa, pela qual alinhavam sua identidade com os setores populares, em confronto com a coalizão formada pelos Estados Unidos, as elites locais e o Estado sionista.

Neste caldo de cultura nasceu a Al Qaeda de Bin Laden e outras organizações jihadistas.

A derrubada das torres nova-iorquinas, no entanto, mudou o cenário.

O comando norte-americano trocou a orientação aliancista por fórmula abertamente intervencionista, ao invadir Afeganistão e Iraque, impondo governos títeres e ampliando sua participação direta na região.

Ataques contra população civil, atropelos de direitos humanos e desrespeitos a garantias legais foram se multiplicando em escalada, como parte da chamada guerra ao terror.

Mesmo enfrentando problemas, com idas e vindas, a estratégia seguiu seu curso, buscando levar, à direção dos Estados árabes, frações políticas e econômicas visceralmente alinhadas ao ocidente.

Sem mexer um dedo para desmontar o apartheid sionista e solucionar a questão palestina, a Casa Branca e seus parceiros foram submetendo o mundo muçulmano, do Egito ao Irã, a operações de cerco e asfixia.

O ápice desta orientação veio com a derrubada de Muammar Al-Gaddafi, na Líbia, e o encurralamento do governo de Bashar al-Assad, da Síria.

O papel da França, nestas operações, liderada por conservadores ou sociais-democratas, foi decisivo.

Ao lado dos Estados Unidos e outros países, alimentou vasta fauna de falanges oposicionistas, com recursos financeiros e militares, entre estas o Estado Islâmico.

Cada uma das potências buscava, na medida das possibilidades, alargar seu domínio sobre territórios de formidável riqueza ou enclaves fundamentais para o controle geopolítico.

Ao perderem o poder sobre suas criaturas, empoderadas para representar seus próprios interesses, foram surpreendidos pela necessidade de combatelas antes que levassem à desestabilização da presença ocidental no Oriente Médio.

Os jacarés criados no tanque da política neocolonial tinham crescido e ameaçavam comer a mão dos antigos donos.

O presidente francês agora chora pelos mortos e promete mais uma guerra implacável contra o jihadismo.

Pura hipocrisia.

Enquanto seu governo e a União Europeia estiverem capturados pela velha lógica imperialista, depois de uma Al Qaeda sempre virá um Estado Islâmico, que será sucedido por alguma expressão ainda mais descontrolada e selvagem de violência anticolonial.

As lágrimas de Hollande são de crocodilo.

Aproveita o sangue vertido em solo francês para aprofundar a mesma política de usurpação que levou à tragédia atual.

4.1K

Categorias: [Uncategorized](#)



Breno Altman é diretor editorial do site Opera Mundi.

<http://operamundi.uol.com.br/brenoaltman/2015/11/14/choro-de-hollande-lagrimas-de-crocodilo/>

Contradições de Hollande: é possível combater o terrorismo e vender armas à Arábia Saudita ao mesmo tempo?

Filipe Figueiredo | São Paulo - 14/01/2015 - 10h30

Governo saudita usa armamentos para se fortalecer em disputa regional com o Iêmen, país em que atua o braço da Al Qaeda responsável por ataque em Paris

[Imprimir](#)

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/39147/contradicoes+de+hollande+e+possivel+combater+o+terrorismo+e+vender+armas+a+arabia+saudita+a+o+mesmo+tempo.shtml>

No último domingo (11/01), diversas manifestações tomaram conta da França, em solidariedade aos mortos da *Charlie Hebdo* e em repúdio ao terrorismo. Parte da agenda de demonstrações incluiu dignitários franceses e da comunidade internacional, em eventos oficiais e ecumênicos. Alguns dos líderes presentes foram o Rei Abdullah II, da Jordânia; Mahmoud Abbas, presidente da Palestina; Benjamin Netanyahu, premiê israelense; e Nizar bin Obaid Madani, ministro de Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita. Nos últimos anos, a relação entre a França e a monarquia saudita tornou-se mais estreita, o que leva a uma contradição. O presidente francês, François Hollande, conclama a França e a comunidade internacional para combater o terrorismo, entretanto, o que seu governo fez para alcançar este objetivo?

Agência Efe (arquivo)



Em dezembro de 2013, Hollande foi à capital Riad para estreitar laços com o rei da Arábia Saudita, Abdullah bin Abdulaziz al-Saud. Construir uma relação sólida e próxima da Arábia Saudita gera resultados diametralmente opostos ao repúdio ao extremismo presente no discurso de Hollande. Pior, tal relação é raramente apontada. Sob a perspectiva francesa, o comércio bilateral entre os dois países dobrou nos últimos cinco anos, chegando a cerca de € 10 bilhões em 2014. As exportações francesas para o reino saudita dobraram na última década, assim como alto crescimento no intercâmbio de turistas. A Arábia Saudita é, hoje, o maior fornecedor de petróleo da França, e o país europeu é o terceiro que mais investe na economia saudita; a França vê a possibilidade de essa participação aumentar, já que as relações entre sauditas e seu principal parceiro, os EUA, estão afetadas pela disputa sobre o preço do petróleo.

A agenda de Dilma Rousseff e os interesses brasileiros nos 70 anos da ONU

Refugiados e o temor do Golfo Pérsico: porque países da região se omitem na crise

Refugiados: o passado da Alemanha e o futuro da Europa

PUBLICIDADE

A aproximação recente não é apenas entre as duas economias. Em dezembro de 2013, o François Hollande fez visita oficial a Riad, recebido pessoalmente pelo Rei Abdullah. Em setembro de 2014, a reciprocidade. O príncipe-herdeiro Salman bin Abdulaziz al-Saud visitou Paris; o rei está restrito a seu país, por razões de saúde. Em ambas as visitas de Estado, um elemento em comum: comitivas de políticos e empresários do ramo de defesa. A França é uma dos

maiores fornecedores de armamento ao reino árabe. Embora o país tenha perdido a concorrência para fornecer novos caças à Força Aérea saudita, a França ainda possui uma série de contratos que somam bilhões de euros. O mais recente foi o de modernização de seis navios da marinha saudita, em agosto de 2013, incluindo quatro fragatas originalmente compradas da França. Agência Efe



No domingo, Hollande recebeu o representante saudita, chanceler Nizar bin Obaid Madani, enviado para comperecer à marcha em Paris. Além de contratos de fornecimento direto de armamento entre os dois países, três meses atrás, em novembro de 2014, foi assinada uma operação triangular. A França fornecerá US\$ 3 bilhões em armamento ao Líbano, com o suporte financeiro da Arábia Saudita. A justificativa de um aporte tão grande é o de preparar as forças regulares do Estado libanês para eventuais (ou já previstas) lutas sectárias na complicada demografia da região. O Líbano possui uma população com cerca de 60% muçulmana, dividida igualmente entre xiitas e sunitas. O Hezbollah é ligado ao islã xiita, apoiado pelo regime alauíta sírio. Alauítas são uma derivação do islã xiita. Desta maneira, fortalecer o Exército

nacional libanês é criar um contraponto forte ao Hezbollah, algo do interesse da sunita Arábia Saudita.

Disputa local: rivalizando com o Iêmen

Existe outro elemento geopolítico nessa aproximação entre França e Arábia Saudita. O país árabe mantém grande influência sobre seu vizinho ao sul, o Iêmen. Um dos focos políticos dos sauditas, de fato, é a fronteira entre os dois países, que é acompanhada por uma cerca em toda sua extensão e objeto de diversas disputas entre os vizinhos. O governo saudita considera o Iêmen uma prioridade geopolítica; um Iêmen unificado e forte significaria um rival regional no controle do Golfo de Áden, por onde passam mais de 20 mil navios anualmente na travessia do Canal de Suez. O Iêmen, assim como a Arábia Saudita, é de maioria sunita, mas, desde 2004, o país vive um clima de turbulência doméstica, com a revolta dos grupos zaiditas, outra derivação dos xiitas.

Em 2009, o governo do Iêmen lançou a Operação Terra Arrasada, para suprimir os grupos zaiditas no norte do país. Parcialmente para apoiar o regime aliado, em parte pelo conflito ter ultrapassado as fronteiras, a Arábia Saudita interveio diretamente. Foram realizadas operações aéreas e mobilização de tropas, e especula-se algo em torno de 20 mil soldados sauditas, com cerca de 500 baixas. Em 2011, após a revolução iemenita, no contexto da chamada Primavera Árabe, o governo local foi derrubado; a transição entre o então presidente Ali Abdullah Saleh e a oposição foi acordada justamente em Riad, em novembro de 2011, sob mediação saudita. O conflito entre sunitas e zaiditas, entretanto, está longe de acabar, com a luta envolvendo a capital do país, Sanaa.

Foi nesta cidade que um atentado à bomba matou 38 policiais e agentes do governo, além de deixar mais de 60 pessoas feridas. A explosão ocorreu em 7 de janeiro de 2015, mesmo dia do ataque à *Charlie Hebdo*. Embora nenhum grupo tenha assumido a responsabilidade pelo atentado iemenita, a principal suspeita recai sobre o braço iemenita da Al Qaeda, a AQAP (Al Qaeda da Península Arábica), mesma organização que, nesta quarta-feira (14/01), [publicou vídeo reivindicando a autoria](#) do ataque em Paris, confirmando as [declarações não oficiais](#) da organização terrorista ainda na semana passada. Segundo relatórios de serviços de inteligência dos EUA, a AQAP também teria treinado os irmãos Kouachi no Iêmen. Não é possível fazer uma relação incontestável entre os dois eventos, mas é preciso reconhecer que ambos possuem ingredientes similares.



Em vídeo, liderança iemenita da Al Qaeda, Nasr bin Ali al Anesi, reivindica responsabilidade do ataque à revista francesa 'Charlie Hebdo'

A Arábia Saudita é, há décadas, um dos principais pilares de grupos extremistas. O governo saudita foi um dos três países — junto com Paquistão e Emirados Árabes Unidos — que reconheceram diplomaticamente o Talibã como uma entidade política de direito internacional. Em um documento vazado pelo WikiLeaks, a então secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, afirmou, em dezembro de 2009, que a “Arábia Saudita ainda é a base crítica do apoio financeiro à Al Qaeda e ao Talibã. Doadores da Arábia Saudita constituem a fonte mais significativa de financiamento ao terrorismo sunita”. O termo “terrorismo sunita” compreende o conjunto de grupos extremistas que hoje dizem respeito ao Estado Islâmico, o Talibã, a Al Qaeda e seu braço iemenita. Fortalecer os laços com a Arábia Saudita, hoje, é tornar-se um ator nessa intrincada situação e fortalecer o extremismo.

François Hollande afirmou “devemos estar unidos para combater o terrorismo”. Um dos meios que seu governo pode usar para realizar isso é não fortalecer os laços com uma monarquia absoluta, que fere vasta gama de direitos humanos. Um regime que reconhece organizações extremistas como legítimas e, em suposto nome de uma divergência religiosa, patrocina diversos grupos radicais. Se hoje temos um suposto califado que degola jornalistas, é porque tais grupos sunitas receberam financiamento para combater o regime xiita sírio. Contratos bilionários de armamento com os sauditas colocam a França no fervente tabuleiro étnico e político do Oriente Médio. Não é possível combater o terrorismo e manter uma parceria com a atual Arábia Saudita.

(*) *Filipe Figueiredo é redator do [Xadrez Verbal](#)*

WikiLeaks cables portray Saudi Arabia as a cash machine for terrorists

Hillary Clinton memo highlights Gulf states' failure to block funding for groups like al-Qaida, Taliban and Lashkar-e-Taiba

<http://www.theguardian.com/world/2010/dec/05/wikileaks-cables-saudi-terrorist-funding>



The terrorist Ajmal Amir Kasab walks through the Chhatrapati Shivaji train station in Mumbai during the 2008 attacks. Lashkar-e-Taiba, which carried out the atrocity, is one of several groups that have raised funds via Saudi Arabia. Photograph: Sebastian D'souza/AP

[Declan Walsh](#) in Islamabad

Sunday 5 December 2010 15.30 GMT
Last modified on Saturday 4 October 2014 15.31 BST

[Saudi Arabia](#) is the world's largest source of funds for Islamist militant groups such as the Afghan Taliban and Lashkar-e-Taiba – but the Saudi government is reluctant to stem the flow of money, according to Hillary Clinton.

"More needs to be done since [Saudi Arabia remains a critical financial support base for al-Qaida, the Taliban, LeT and other terrorist groups](#)," says a secret December 2009 paper signed by the US secretary of state. Her memo urged US diplomats to redouble their efforts to stop Gulf money reaching extremists in Pakistan and Afghanistan.

"Donors in Saudi Arabia constitute the most significant source of funding to Sunni terrorist groups worldwide," she said.

Three other Arab countries are listed as sources of militant money: Qatar, Kuwait and the [United Arab Emirates](#).

The cables highlight an often ignored factor in the Pakistani and Afghan conflicts: that the violence is partly bankrolled by rich, conservative donors across the Arabian Sea whose governments do little to stop them.

The problem is particularly acute in Saudi Arabia, where militants soliciting funds slip into the country disguised as holy pilgrims, set up front companies to launder funds and receive money from government-sanctioned charities.

One cable details how the Pakistani militant outfit [Lashkar-e-Taiba, which carried out the 2008 Mumbai attacks, used a Saudi-based front company to fund its activities in 2005](#).

Meanwhile officials with the LeT's charity wing, Jamaat-ud-Dawa, travelled to Saudi Arabia seeking donations for new schools at vastly inflated costs – then siphoned off the excess money to fund militant operations.

Militants seeking donations often come during the hajj pilgrimage – "a major security loophole since [pilgrims often travel with large amounts of cash](#) and the Saudis cannot refuse them entry into Saudi Arabia". Even a small donation can go far: LeT operates on a budget of just \$5.25m (£3.25m) a year, according to American estimates.

Saudi officials are often painted as reluctant partners. Clinton complained of the "ongoing challenge to persuade Saudi officials to treat terrorist funds emanating from Saudi Arabia as a strategic priority".

Advertisement

Washington is critical of the Saudi refusal to ban three charities classified as terrorist entities in the US. "Intelligence suggests that these groups continue to send money overseas and, at times, fund extremism overseas," she said.

There has been some progress. This year US officials reported that al-Qaida's fundraising ability had "deteriorated substantially" since a government

crackdown. As a result Bin Laden's group was "in its weakest state since 9/11" in Saudi Arabia.

Any criticisms are generally offered in private. The cables show that when it comes to powerful oil-rich allies US diplomats save their concerns for closed-door talks, in stark contrast to the often pointed criticism meted out to allies in [Pakistan](#) and Afghanistan.

Instead, officials at the Riyadh embassy worry about [protecting Saudi oilfields from al-Qaida attacks](#).

The other major headache for the US in the Gulf region is the United Arab Emirates. The Afghan Taliban and their militant partners [the Haqqani network earn "significant funds" through UAE-based businesses](#), according to one report. The Taliban [extort money from the large Pashtun community in the UAE](#), which is home to 1 million Pakistanis and 150,000 Afghans. They also fundraise by kidnapping Pashtun businessmen based in Dubai or their relatives.

"Some Afghan businessmen in the UAE have resorted to purchasing tickets on the day of travel to limit the chance of being kidnapped themselves upon arrival in either Afghanistan or Pakistan," the report says.

Last January US intelligence sources said two senior Taliban fundraisers had [regularly travelled to the UAE](#), where the [Taliban and Haqqani networks](#) laundered money through local front companies.

Advertisement

One report singled out a Kabul-based "Haqqani facilitator", Haji Khalil Zadran, as a key figure. But, Clinton complained, it was hard to be sure: the UAE's weak financial regulation and porous borders left US investigators with "limited information" on the identity of Taliban and LeT facilitators.

The lack of border controls was "exploited by Taliban couriers and Afghan drug lords camouflaged among traders, businessmen and migrant workers", she said.

In an effort to stem the flow of funds American and UAE officials are increasingly [co-operating to catch the "cash couriers"](#) – smugglers who fly giant sums of money into Pakistan and Afghanistan.

In common with its neighbours [Kuwait](#) is described as a "source of funds and a key transit point" for al-Qaida and other militant groups. While the government has acted against attacks on its own soil, it is "less inclined to take action against Kuwait-based financiers and facilitators plotting attacks outside of Kuwait".

Kuwait has refused to ban the Revival of Islamic Heritage Society, a charity the US designated a terrorist entity in June 2008 for providing aid to al-Qaida and affiliated groups, including LeT.

There is little information about militant fundraising in the fourth Gulf country singled out, [Qatar](#), other than to say its "overall level of CT co-operation with the US is considered the worst in the region".

The funding quagmire extends to Pakistan itself, where the US cables detail sharp criticism of the government's ambivalence towards funding of militant groups that enjoy covert military support.

The cables show how before the Mumbai attacks in 2008, Pakistani and Chinese diplomats manoeuvred hard to block UN sanctions against Jamaat-ud-Dawa.

But in August 2009, nine months after sanctions were finally imposed, US diplomats wrote: "We continue to see reporting indicating that [JUD is still operating in multiple locations in Pakistan](#) and that the group continues to openly raise funds". JUD denies it is the charity wing of LeT.

- This article was amended on 15 December 2010. The original caption referred to the Chatrapathi Sivaji station in Mumbai. This has been corrected.

Judith Butler reflete sobre atentados em Paris

Filósofa estava na capital francesa quando terroristas do Estado Islâmico atacaram diversos locais da cidade

TAGS: [Judith Butler](#), [paris](#), [terrorismo](#)



A filósofa Judith Butler (Foto: Thomas Karlsson)

Helder Ferreira

Um dia depois dos atentados terroristas em Paris, sábado dia 14 de novembro, circulava no Facebook um pequeno texto da filósofa Judith Butler sobre o ocorrido. Quem o publicou foi o professor Silvio Pedrosa, que traduziu um comentário enviado por e-mail pela pensadora, que estava na França quando tudo aconteceu. Leia abaixo o que foi publicado.

Enviamos um e-mail com algumas perguntas. Ela, que esteve no Brasil em setembro para participar do I Seminário Queer (organizado pela revista CULT e o Sesc), respondeu prontamente, enviando uma versão ampliada da análise. No texto a seguir, ela comenta a cobertura da imprensa sobre os ataques, critica as medidas tomadas pelo presidente francês François Hollande e aponta para o crescimento da ultra-direita francesa: “Parece que o medo e a raiva poderão se transformar em um feroz apoio ao estado policial”.

13.11.15

Judith Butler

Tradução: Sofia Nestrovski

Estou em Paris. Ontem à noite, passei por perto do local da matança na rua Beaumarchais. Jantei em um lugar que fica a dez minutos de outro alvo dos ataques. Todos que eu conheço estão bem, mas muitos que eu não conheço estão mortos, traumatizados ou em luto. É escandaloso e terrível. Hoje as ruas estiveram movimentadas de tarde, mas vazias à noite. A manhã acordou inerte. As discussões televisivas que ocorreram imediatamente após os eventos

parecem deixar claro que o “estado de emergência”, ainda que temporário, na verdade cria precedente para uma intensificação do estado de segurança. As questões debatidas na televisão incluem a militarização da polícia (de que modo “completar” esse processo), o espaço da liberdade, e a luta contra o “islã”, este último entendido como uma entidade amorfa. Hollande, ao nomear isso como “guerra”, tentou parecer másculo, mas o que chamou atenção foi o aspecto imitativo de sua performance – tornou-se difícil, então, levar seu discurso a sério. E no entanto, é esse agora o bufão que assume o papel de cabeça do exército.

A distinção entre estado e exército se dissolve em um estado de emergência. As pessoas querem ver a polícia, querem uma polícia militarizada para protegê-las. Um desejo perigoso, ainda que compreensível. Muitos são atraídos pelos aspectos beneficentes dos poderes especiais concedidos ao soberano em um estado de emergência, como as corridas gratuitas de táxi na noite de ontem para qualquer um que precisasse voltar para casa, e a abertura dos hospitais para todos que foram atingidos. Não há toque de recolher instaurado, mas os serviços públicos foram reduzidos e as manifestações, proibidas – inclusive os “rassemblements” (encontros) para lamentar os mortos foram considerados ilegais. Compareci a um desses encontros na Place de la République, onde a polícia reiterou que todos deviam se dispersar, e poucos obedeceram. Nisso vi um breve momento de esperança.

Os que comentam os eventos buscando distinguir as diferentes comunidades muçulmanas, com suas diversidades de posição política, são acusados de procurarem “nuances”: o inimigo precisa ser total e uno para ser aniquilado, e as diferenças entre muçulmanos, jihadistas e o Estado Islâmico vão ficando mais difíceis de discernir nos discursos públicos. Mesmo antes do ISIS assumir a responsabilidade pelos ataques, muitos já apontavam o dedo, com total certeza, ao Estado Islâmico. Pessoalmente, achei interessante que Hollande tenha proclamado três dias de luto oficial ao mesmo tempo em que intensificou os controles de segurança, algo que traz um modo a mais de interpretar o título do livro de Gillian Rose, “Mourning becomes the law” (*O luto torna-se lei*). Estaríamos vivendo um momento de luto ou uma submissão a um poder de estado cada vez mais militarizado, de suspensão da democracia? De que maneira esse modelo de estado se instaura com maior facilidade quando é vendido em nome do luto? Serão três dias de luto público, mas o estado de emergência poderá se estender por até 12 dias até que seja necessária sua aprovação em assembleia nacional. E ainda, a explicação do estado é de que é preciso restringir liberdades a fim de defender a liberdade – um paradoxo que não perturba os doutos comentaristas da televisão. De fato, os atentados foram evidentemente direcionados a locais emblemáticos da circulação livre e cotidiana na França: o café, a casa de shows, o estádio de futebol. Na casa de shows, aparentemente, um dos assassinos responsáveis pelas 89 mortes violentas acusou a França de ter falhado na intervenção na Síria (contra o regime de Assad), e o Ocidente, pela intervenção no Iraque (contra o regime baathista). Não trata-se, portanto, de um posicionamento (se é que podemos chamá-lo assim) totalmente contrário à intervenção ocidental em si.

Há, ainda, uma política dos nomes: ISIS, ISIL, Daesh. A França recusa-se a dizer “*état islamique*” para não reconhecer sua existência enquanto estado. Querem manter o termo “Daesh”, palavra árabe que não é acolhida pela língua francesa. Nesse meio tempo, foi essa a organização que assumiu a responsabilidade pelos ataques, afirmando que tratava-se de uma retaliação pelo bombardeio que matou muçulmanos em território do califado. A escolha de um show de rock como alvo de ataque – como cenário para os assassinatos, na verdade – recebeu a justificativa de que ali seria um local de “idolatria”, de um “festival de perversão”. Eu me pergunto onde eles encontraram o termo “perversão” – parece que estiveram lendo uma bibliografia de outra área.

Os candidatos à presidência já chegaram com suas opiniões: Sarkozy agora está propondo campos de detenção, afirmando ser necessário prender qualquer um suspeito de ter ligações com jihadistas. E Le Pen advoga pela “expulsão”, ela que há pouco chamou de “bactérias” os novos imigrantes. É bem possível que a França consolide sua guerra nacionalista contra os imigrantes a partir do fato de que um dos assassinos claramente entrou no país pela Grécia. Minha aposta é de que será importante acompanhar o discurso sobre a liberdade nos próximos dias e semanas, pois irá trazer implicações para o estado de segurança e o achatamento das versões de democracia que temos diante de nós. Uma liberdade é atacada pelo inimigo; outra é restringida pelo estado, que defende o discurso do “ataque à liberdade” pelo inimigo como um ataque à essência do que é a França, mas suspende a liberdade de reunir-se (o “direito à manifestação”) em meio ao luto, e prepara uma militarização ainda maior da polícia.

A questão principal parece ser: qual vertente da extrema direita prevalecerá nas próximas eleições? E o que será a “direita tolerável” quando Marine le Pen for considerada de “centro”? São tempos assustadores, tristes e preocupantes, mas há a esperança de que ainda somos capazes de pensar, falar e agir em meio a tudo isso. O processo de luto parece ter sido totalmente restringido dentro do território nacional. Praticamente não se fala dos quase 50 mortos em Beirute no dia anterior, tampouco dos 111 mortos na Palestina apenas nessas últimas semanas. A maioria das pessoas que eu conheço dizem que estão em um “impasse”, incapazes de pensar a fundo sobre a situação. Uma das maneiras de pensar sobre ela talvez venha com a invenção de um conceito de luto transversal – de considerar como a métrica do lamento se dá, como e por que os assassinatos no café me comovem de modo mais intenso que os ataques ocorridos em outros locais. Parece que o medo e a raiva poderão se transformar em um feroz apoio ao estado policial. Talvez seja por isso que prefiro aqueles que dizem estar em um impasse: significa que levarão um certo tempo para pensar a situação. É difícil pensar no espanto. É preciso ter tempo, e ter companhia para atravessar esse tempo – há, talvez, espaço para que isso se dê em um “rassemblement” não autorizado.

ARTIGOS RELACIONADOS

<http://revistacult.uol.com.br/home/2015/11/judith-butler-reflete-sobre-atentados-em-paris/#.VkinH5yg6Q8.facebook>

- 20/10 - Quem será o “terrorista” da vez?
- 22/09 - “Temos que pensar o lugar de corpos movendo-se livremente dentro de uma democracia”, diz Judith Butler
- 08/09 - “Temos que pensar o lugar de corpos movendo-se livremente dentro de uma democracia”
- 08/09 - Da família ao parentesco

Muslims around the world condemn terrorism after the Paris attacks

"They don't represent Islam." (Reuters/Tarek Mostafa)

<http://qz.com/550104/muslims-around-the-world-condemn-terrorism-after-the-paris-attacks/>

SHARE

WRITTEN BY

[Heather Timmons](#)

November 14, 2015

Update, Nov. 14: *In a live address on Saturday morning in France, President Francois Hollande said the Islamic State was responsible for the attacks. ISIL claimed responsibility for the attacks in a statement released on social media, though its lack of specific background information about the attackers suggests the group may not have directly orchestrated them.*

The attacks in Paris that have [killed more than 100 people](#) have sparked a cycle of blame and outrage that has become depressingly familiar.

Not much is known about the terrorists at this point, except for the fact that the ones directly involved are all dead. But early reports that the terrorists were speaking about [France's presence in Syria](#), that [one yelled “Allahu Akbar”](#) before opening fire in a crowded concert hall, and ISIL supporters use of the [hashtag #تشدتعمل بباريس \(Paris burns\)](#) to spread the news led many to conclude the attackers were Muslim.

The attacks have started a new round of condemnation of Islam itself from long-time right-wing critics.

Muslims around the world, from religious leaders and politicians to ordinary people, meanwhile, are condemning the attacks.

In an official statement, Iranian president Hassan Rouhani [called the attacks](#) a “crime against humanity.”

In the name of the Iranian people, who have themselves been victims of terrorism, I strongly condemn these crimes against humanity and offer my condolences to the grieving French people and government.

Indonesian president [Joko Widodo condemned](#) the “violence that took place in Paris,” and called for more international cooperation to fight terrorism.

Leaders of Arab states [called the attacks immoral](#) and inhumane. Qatar’s foreign minister Khaled al-Attiyah denounced the “heinous attacks,” adding, “these acts, which target stability and security in France are against all human and moral values.” Kuwaiti Emir Sheikh Sabah al-Sabah called the attacks “criminal acts of terrorism which run counter to all teachings of holy faith and humanitarian values.” The Saudi foreign ministry called for global cooperation to “root out this dangerous and destructive plague.”

Many took to social media, including this British imam:

and British author:

A young Moroccan man used Youtube to express his “deepest condolences” to the victims of the Parisian attacks, and call the terrorists unIslamic:

“They don’t represent Islam,” he said. “These so-called jihadists and fundamentalists only represent themselves.” The video is just a few hours old but hundreds of people have already commented on it, many in the form of anti-Islamic rants.

Terrorism and the Other Religions

By [Juan Cole](#) | [Nov. 15, 2015](#) |

<http://www.juancole.com/2015/11/terrorism-the-other-religions.html>

By Juan Cole | (Informed Comment) | – –

Reprint edn. slightly revised.

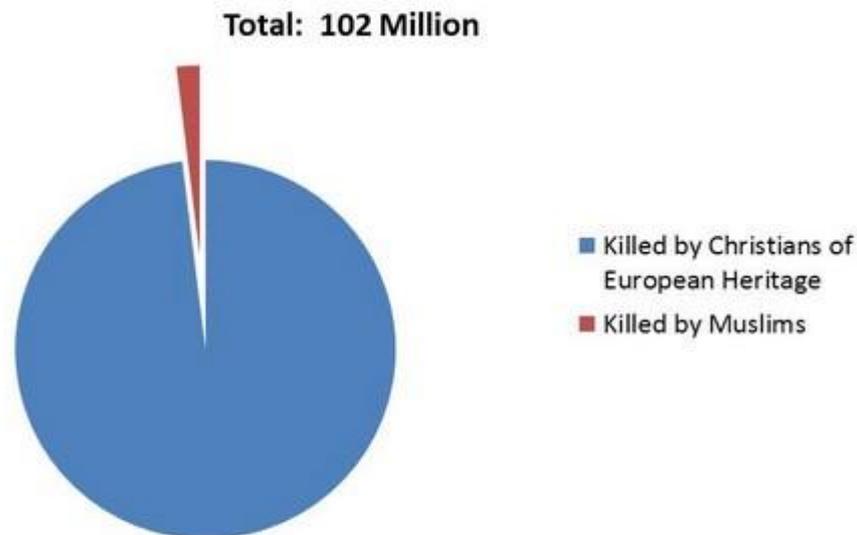
Contrary to what is alleged by bigots like Bill Maher, Muslims are not more violent than people of other religions. Murder rates in most of the Muslim world are very low compared to the United States.

As for political violence, people of Christian heritage in the twentieth century polished off tens of millions of people in the two world wars and colonial repression. This massive carnage did not occur because European Christians are worse than or different from other human beings, but because they were the first to industrialize war and pursue a national model. Sometimes it is argued that they did not act in the name of religion but of nationalism. But, really, how naive. Religion and nationalism are closely intertwined. The British monarch is the head of the Church of England, and that still meant something in the first half of the twentieth century, at least. The Swedish church is a national church. Spain? Was it really unconnected to Catholicism? Did the Church and Francisco Franco's feelings toward it play no role in the Civil War? And what's sauce for the goose: much Muslim violence is driven by forms of modern nationalism, too.

I don't figure that Muslims killed more than a 2 million people or so in political violence in the entire twentieth century, and that mainly in the Iran-Iraq War 1980-1988 and the Soviet and post-Soviet wars in Afghanistan, for which Europeans bear some blame (the secular nationalist Young Turks also committed genocide against the Armenians during an invasion of eastern Anatolia by Russia).

Compare that to the Christian European tally of, oh, lets say 100 million (16 million in WW I, 60 million in WW II– though some of those were attributable to Buddhists in Asia– and millions more in colonial wars.)

Twentieth Century Deaths in War and Political Violence by Religion



Belgium— yes, the Belgium of strawberry beer and quaint Gravensteen castle— conquered the Congo and is estimated to have killed off half of its inhabitants over time, some 8 million people at least.

Or, between 1916-1930 Tsarist Russian and then Soviet forces — facing the revolt of Central Asians trying to throw off Christian (and then Marxist), European rule — Russian forces killed an estimated 1.5 million people. Two boys brought up in or born in one of those territories (Kyrgyzstan) just killed 4 people and wounded others critically. That is horrible, but no one, whether in Russia or in Europe or in North America has the slightest idea that Central Asians were mass-murdered during WW I and before and after, and looted of much of their wealth. Russia when it brutally conquered and ruled the Caucasus and Central Asia was an Eastern Orthodox, Christian empire (and seems to be reemerging as one!).

Then, between half a million and a million Algerians died in that country's war of independence from France, 1954-1962, at a time when the population was only 11 million!

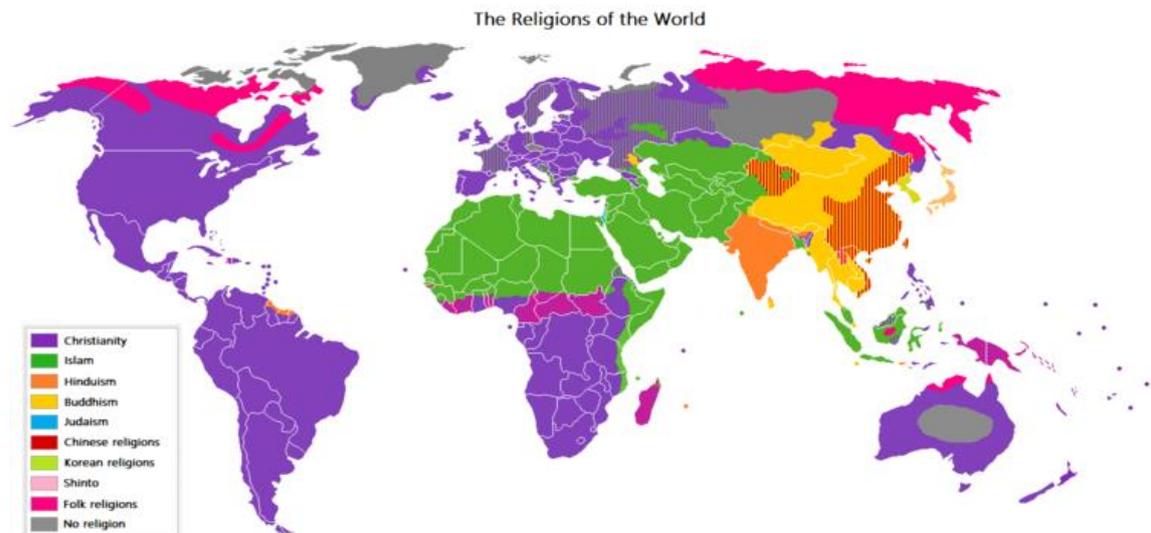
I could go on and on. Everywhere you dig in European colonialism in Afro-Asia, there are bodies. Lots of bodies.

Now that I think of it, maybe 100 million people killed by people of European Christian heritage in the twentieth century is an underestimate.

As for religious terrorism, that too is universal. Admittedly, some groups deploy terrorism as a tactic more at some times than others. Zionists in British Mandate Palestine were active terrorists in the 1940s, from a British point of view, and in the period 1965-1980, the FBI considered the Jewish Defense League among

the most active US terrorist groups. (Members at one point plotted to assassinate Rep. Darell Issa (R-CA) because of his Lebanese heritage.) Now that Jewish nationalists are largely getting their way, terrorism has declined among them. But it would likely reemerge if they stopped getting their way. In fact, one of the arguments Israeli politicians give for allowing Israeli squatters to keep the Palestinian land in the West Bank that they have usurped is that attempting to move them back out would produce violence. I.e., the settlers not only actually terrorize the Palestinians, but they form a terrorism threat for Israel proper (as the late prime minister Yitzhak Rabin discovered).

Even more recently, it is difficult for me to see much of a difference between Tamerlan Tsarnaev and [Baruch Goldstein](#), perpetrator of the Hebron massacre.



Or there was the [cold-blooded bombing of the Ajmer shrine in India by Bhavesh Patel](#) and a gang of Hindu nationalists. Chillingly, they were disturbed when a second bomb they had set did not go off, so that they did not wreak as much havoc as they would have liked. Ajmer is an ecumenical Sufi shrine also visited by Hindus, and these bigots wanted to stop such open-minded sharing of spiritual spaces because they hate Muslims.

Buddhists have committed a lot of terrorism and other violence as well. Many in the Zen orders in Japan supported militarism in the first half of the twentieth century, for which their leaders later apologized. And, you had Inoue Shiro's assassination campaign in 1930s Japan. Nowadays militant Buddhist monks in Burma/ Myanmar are urging on an [ethnic cleansing campaign against the Rohingya](#).

As for Christianity, the [Lord's Resistance Army in Uganda initiated hostilities](#) that displaced two million people. Although it is an African cult, it is Christian in origin and the result of Western Christian missionaries preaching in Africa. If Saudi Wahhabi preachers can be in part blamed for the Taliban, why do Christian missionaries skate when we consider the blowback from their pupils?

Despite the very large number of European Muslims, in [2007-2009 less than 1 percent of terrorist acts in that continent were committed by people from that community.](#)

Terrorism is a tactic of extremists within each religion, and within secular religions of Marxism or nationalism. No religion, including Islam, preaches indiscriminate violence against innocents.

It takes a peculiar sort of blindness to see Christians of European heritage as “nice” and Muslims and inherently violent, given the twentieth century death toll I mentioned above. Human beings are human beings and the species is too young and too interconnected to have differentiated much from group to group. People resort to violence out of ambition or grievance, and the more powerful they are, the more violence they seem to commit. The good news is that the number of wars is declining over time, and World War II, the biggest charnel house in history, hasn't been repeated.

Posted in [Buddhism](#), [Christianity](#), [Featured](#), [Hindu Nationalism](#), [Islam](#), [Islamophobia](#), [religion](#), [Terrorism](#) | [No Responses](#) | [Print](#)

Turkey: Statement from Revolutionary Anarchist Action (DAF) about the Paris Massacre

Posted on [November 14, 2015](#) by [Insurrection News](#) -

<https://insurrectionnewsworldwide.wordpress.com/2015/11/14/turkey-statement-from-revolutionary-anarchist-action-daf-about-the-paris-massacre/>



On 13th of November, more than 150 people have lost their lives and tens injured in 7 different neighborhoods of Paris as a result of coordinated ISIS attacks with bombs and guns. The murderer ISIS continues its murders outside of the Middle East and Anatolia regions. The massacre which took place in Paris shows clearly that ISIS terror knows no bounds. — We feel the massacre in Paris deeply and share your sorrow. We have lived and still living through ISIS attacks supported by the state. From Şengal to Kobane, from Pirsus (Suruç) to Ankara, we have lost many comrades and friends. We are aware of the fact that the massacres aim to create fear, distrust and loneliness on us. Our pain is great and increases every day. In these periods, We have to grow

the solidarity against the murderers that want to bury us into fear, loneliness and isolation.

We see the simultaneous moves of the french state and other states aiming to direct the process. We know that these same strategies are realized in our region under the name of "Fight against Terror". In this environment of distrust, people have a psychology of panic which is directed by the ideological devices of the state; the state oppression of revolutionaries and state politics restricting the freedom of the oppressed will be politically legitimized; and the racist discourse and politics will increase. The states use these extraordinary periods for their political, economic and social interests.

We understand the situation that the peoples living in France are and will be in. We know the difficulty of carrying on one side the sorrow of the lost ones and on the side, struggling against the fascist mobilisations in the society created by the state. We stress that, even with this hardship, the struggle should be against the fear, the state and fascism.

The sorrow you live is our sorrow, The rage you feel is our rage, your fight is our fight!

Devrimci Anarşist Faaliyet-DAF (Revolutionary Anarchist Action)

[\(via A-Infos\) ads](#)

[Ver nota en www.pagina12.com.ar](http://www.pagina12.com.ar)

Página12

[El mundo](#) | Domingo, 15 de noviembre de 2015

LAS FUERZAS ARMADAS FRANCESAS ENCABEZAN, JUNTO CON LAS DE ESTADOS UNIDOS, LOS BOMBARDEOS DE POSICIONES DEL ESTADO ISLAMICO EN SIRIA E IRAK

Francia se convirtió en el blanco preferido del EI

Más de un año después del inicio de la campaña aérea y pese a los partes que hablan de miles de bombardeos y objetivos destruidos, el EI conserva intacto su poder de destrucción y desestabilización.



Investigadores forenses analizan la entrada al teatro en el que murieron más de cien personas cuando los terroristas abrieron fuego a mansalva.

Por Eduardo Febbro

Desde París

Francia es objeto del odio más encarnado por parte del Estado Islámico. Sin embargo, en 2002 y 2003, cuando el conservador Jacques Chirac era presidente, Francia fue el país que lideró la estrechísima coalición que se opuso de manera férrea e irrenunciable a la segunda guerra de Irak lanzada por el ex presidente norteamericano George Bush con un montón de patrañas y mentiras sobre la supuesta presencia en Irak de armas de destrucción masiva. Las armas no existían, en cambio, aquella coalición que derrocó a Saddam Hussein hace 12 años terminó creando un auténtico brazo terrorista de destrucción masiva que hoy golpea dónde y cómo quiere: París, Túnez, Kuwait, Líbano, Turquía, Irak, Siria, Jordania, aviones, ciudades o trenes.

En junio de 2014, el mundo descubría la identidad de ese nuevo actor que es el Estado Islámico cuando el movimiento sunita tomó el control de la ciudad de Mosul. Desde entonces, sus éxitos militares en el terreno son proporcionales al fracaso de la coalición que pretendió desarticularlo. La caída de Mosul dio inmediatamente lugar a la proclamación de un califato que abarca amplias zonas de Irak y Siria. De allí nadie lo movió. El impacto de los crímenes cometidos por el Estado Islámico aceleró, bajo el mando de Estados Unidos, la creación de una supuesta “coalición internacional” compuesta por 15 países cuyo objetivo consistió en bombardear sus bases para debilitarlo. Más de un año después y pese a los partes que hablan de miles de bombardeos y

objetivos destruidos, el Estado Islámico conserva intacto su poder de destrucción y desestabilización, dentro y fuera de Medio Oriente. Los desacuerdos estratégicos y políticos entre los aliados son tales que esa fuerza internacional se volvió víctima de sus propias contradicciones. Francia se aunó a la coalición que ataca las posiciones del Estado Islámico en Siria muy tardíamente, en 2015. En cambio, París sí se asoció a la coalición norteamericana formada en 2014 para bombardear blancos del EI en Irak. Los medios de esta doble operación llamada Chammal constan de 700 militares y de 12 aviones de caza. Pero el refuerzo de Francia y, luego, la ambigua pero real participación de Rusia en las ofensivas en Siria no trastornaron la solidez del grupo radical sunita. Los partes oficiales son exitosos, se habla de que el Estado Islámico fue “contenido”, “debilitado”, “degradado” sin que, en realidad, esas afirmaciones se vean en el terreno.

Persisten varios problemas: el operativo norteamericano Resolución Inherente frenó en parte la progresión del Estado Islámico en Irak, pero no lo desarticuló en Siria: en ese país, al contrario, el EI consolidó sus posiciones, sobre todo en las zonas rurales habitadas mayoritariamente por sunitas. En resumen, los dos “objetivos” declarados de Occidente, sus dos “enemigos”, el presidente sirio Bashar al Assad y el Estado Islámico, están más vivos, activos e influyentes que nunca. Peor aún, para muchas opiniones públicas de Medio Oriente, el Estado Islámico pasó de ser un mero grupo terrorista a encarnar un modelo nuevo y exitoso de resistencia islamista, en su vertiente sunita. Ni siquiera hay datos confiables de cuantos son: ¿30.000, 50.000? Los servicios secretos de las potencias adelantan cálculos dispares.

Las temáticas que atraviesan la existencia y la persistencia del Estado Islámico son complejas y sobrepasan en mucho los planteos de cierta izquierda –sobre todo latinoamericana– que reduce todo al espejo del colonialismo. Detrás de este rudo conflicto se mueve la rivalidad entre dos islam distintos, encarnados en dos potencias regionales en perpetua disputa: Arabia Saudita –sunita– e Irán –chiíta–. Si no se resuelve antes este antagonismo, el Estado Islámico seguirá prosperando. Ambos países llevan más 30 años encaramados en un antagonismo que nada redime (desde la instauración de la República Islámica, en 1979). Para los iraníes, el Estado Islámico desafía su autoridad en Irak y es su principal enemigo. Para los sauditas, ese enemigo es Irán. En ese juego se antepone también el reparto del poder dentro de Irak, hoy en manos de la mayoría chiíta en demérito de la minoría sunnita que gobernó Irak a sangre y fuego durante los años en que Saddam Hussein estuvo en el poder (1979-2003). El Estado Islámico es, en este contexto, una extensión en Irak del antagonismo entre Arabia Saudita e Irán y, al mismo tiempo, una pieza que les sirve a los occidentales y a los sauditas –sus aliados– para debilitar el poder chiíta y, por consiguiente, la influencia iraní dentro de Irak. Y como si faltara un conflicto más, Teherán es hoy el principal apoyo del régimen sirio de Bashar al Assad, al cual Occidente combate. Por esta razón, las petromonarquías del Golfo Pérsico son los principales contribuyentes en fondos de la oposición siria.

Para Arabia Saudita y sus aliados regionales, derribar a Bashar al Assad equivale a apagar el esplendor de Irán. El IE nace y crece en esas tierras de intereses cruzados y posiciones de doble filo.

© 2000-2015 www.pagina12.com.ar | República Argentina | Todos los Derechos Reservados

Quem ganha com o massacre em Paris?
[14/11/2015, 12h \(hor. Br.\) Pepe Escobar, Facebook](#)

Nada prova que tenha sido operação de falsa bandeira, pelo menos por enquanto. O que parece confirmar-se é que *ISIS/ISIL/Daesh/Estado Islâmico* fez trabalho de profissional, em conexão com felásdaputa hiper-profissionais.

Revisando pilhas de depoimentos, dei com uma descrição feita por um dinamarquês, de um dos atacantes de um dos cafés de Paris: ultra-profissional, coberto de preto da cabeça aos pés, AK-47, super bem treinado. Nada a ver com os kamikazes habituais de al-Zawahiri que escondem bombas nas cuecas. Aqui se trata de matadores profissionais, operando com precisão total. Esse aqui descrito deixou o local sem sem incomodado, e aparentemente ainda não foi capturado, pelo que diz a polícia francesa. Nesse, nada de colete explosivo.

Serviços secretos franceses juram que vigiam pelo menos 200 de seus concidadãos que voltam do Siriaque. Fala-se de serviço mal feito. Paris está super policiada. Surpresa é que oito jihadistas tenham andado livremente pela cidade, em trajes de matador profissional.

Para mim, é também assunto de jihadistas. Agora, os jidistas atacam no quarteirão onde moro em Paris. Deixei Paris, semana passada, voltando para meu pouso habitual na Ásia. Sempre rio do [canal] *Fox News*, quando descrevem meu bairro como região "não frequentável", comprovadamente, como agora se vê, por razões erradas.

Escolheram um pequeno restaurante cambodiano, não caro, acolhedor, frequentado por jovens relativamente bem-de-vida. Significa que podem ter estado por ali durante meses.

Escolheram alvos altamente simbólicos.

Aqui [imagem], um jogo de futebol França-Alemanha, com o presidente da República presente, num estádio onde todas as barreiras (étnicas e religiosas) desaparecem [durante o jogo, e só (Nota dos tradutores franceses, aqui incorporada)], verdadeiro símbolo do multiculturalismo.

No Bataclan, espetáculo em que um grupo norte-americano apresentava-se

para plateia lotada de jovens.

Aqui [imagem] em cafés de bairro, agradáveis como há tantos nos *arrondissements* 10º e 11º em Paris, bairros frequentados por fauna jovem, bem de vida, laica, *BCBG* [*Bon chic bon genre*, aprox. 'descolados-chiques'], *bobo* [*bourgeois bohême*, lit. burguês boêmio] de jaqueta e capuz.

Daí se infere um especto conceitual calibrado, espertamente cartografado por iniciados na cultura urbana parisiense, talvez repatriados do Síriaque.

Infere-se também o monumental fracasso dos serviços secretos e do Ministério do Interior da França.

Muitas razões poderiam explicar essa nova faísca incendiária. Basta pensar na discriminação, declarada ou tácita, contra os muçulmanos que os induz a se autoconsiderarem cidadãos de segunda classe; nos 'rebeldes moderados' que a França apadrinha; nas guerras de Sarko 1º e do general Hollande na Líbia e no Mali; nos bombardeios contra a Síria; na França, convertida em moleque faz-tudo da OTAN.

O *timing*? Crucial. Bem no momento em que EUA e britânicos anunciam que talvez tenham matado "*JihadJohn*". E apenas poucas horas antes de as ações preparatórias das conversações de Viena completarem uma lista oficial dos 10 principais grupos terroristas na Síria (tema do meu artigo publicado hoje cedo em *Asia Times*, "*And here's the top 10 terrorist list*", [13/11/2015, Pepe Escobar](#) [em tradução]).

Hipótese de Paris confirmada + estratégia do medo
14/11/2015, 18h (hor. Br.) [Pepe Escobar, Facebook](#)

É só um preâmbulo antes da Cúpula de Guerra do G-20 em Antalya.

Assumindo que o autor tenha sido ISIS/ISIL/Daesh/Estado Islâmico: que perfeito golpe para arrumar briga e atrair o inimigo para seu campo de batalha.

...

Atacaram a Rússia, via o avião da Metrojet.

Atacaram o Hezbollah – e indiretamente o Irã – com as bombas em Beirute. Quer dizer: ataque contra os "4+1" (Rússia, Síria, Irã, Iraque, *plus* Hezbollah).

E atacaram a OTAN no coração de Paris (Hollande: "ato de guerra" implica ataque contra todos os membros da OTAN. Por incrível que talvez pareça, também contra a Turquia).

É preciso sem muito mais que mauzão, para sustentar guerra em todos esses fronts.

No que tenha a ver com ISIS/ISIL/Daesh/Estado Islâmico, parece além de suas capacidades; parece demais, mesmo para os lucros do contrabando de petróleo e o que lhe pagam generosos 'doadores' sediados no Conselho de Cooperação do Golfo (CCG). Para ação desse tipo, é preciso contar com uma rede profissional de inteligência para cobrir a retaguarda.

Falando nisso, minha hipótese de trabalho parece já estar OFICIALMENTE CONFIRMADA: a inteligência francesa trabalha com uma célula de perpetradores retornados da Síria. (E o passaporte sírio encontrado num dos matadores é, quase com certeza, falso.)

Por que, diabos, a 'inteligência' não soube do que estava sendo planejado há semanas, talvez meses? Tinham de ter sabido. De fato, não é só grave falha da inteligência: é, mais, impotência do governo francês, que não sabe operar com informação de inteligência. Falha, seja como for.

Mas... e o que quer o ISIS/ISIL/Daesh/Estado Islâmico?

- Quer que as capitais ocidentais vivam em estado de medo. E
- quer atrair coturnos ocidentais para o solo sírio.

Seria uma dádiva dos céus: os "Cruzados"[1] voltam para nos atacar, mais uma vez. Fácil imaginar que a empresa de recrutamento e seleção de pessoal *Jihad Inc.* ficaria milionária.

O único modo factível de acabar com eles, devagar mas com certeza, é mediante a ação conjunta dos "4+1" – Exército Árabe Sírio, iranianos do CGRI e combatentes do Hezbollah, com cobertura pela Força Aérea Russa – além de curdos, *PKK*, *YPG*, até os Peshmerga.

"Coalizão internacional ampla" para combater ISIS/ISIL/Daesh/Estado Islâmico é ótimo. Mas Turquia, Arábia Saudita e Qatar sentados à mesa na encenação de Viena, é piada. (Estou ouvindo Lavrov em Viena, enquanto escrevo aqui.)

Pelo menos, Kerry afinal concordou com Lavrov e parou de repetir que a Frente al-Nusra, também conhecida como al-Qaeda na Síria, são terroristas, não "rebeldes moderados".

A lista com os dez grupos terroristas *Top Ten* (tema do meu artigo publicado hoje cedo em *Asia Times*, "*And here's the top 10 terrorist list*", [13/11/2015](#), [Pepe Escobar](#) [em tradução]) será levada ao Conselho de Segurança da ONU.

Agora, falta saber dos coturnos da OTAN em solo. Principal item da agenda em Antalya, com certeza. É TUDO QUE O DAESH MAIS DESEJA.

[1] Sobre "Cruzados" ver mensagem suposta do [ISIL/ISIS/Daesh/Estado](#)

[Islâmico distribuída ontem](#) pela internet (por ex.: "... onde jogavam futebol duas equipes de nações Cruzadas, partida assistida por François Hollande, o imbecil da França").

Muçulmano salvou duas mulheres de ataques em Paris

Safer saiu em meio à tiroteio para resgatar mulheres feridas; para ele, ataques reivindicados pelo 'Estado Islâmico' não foram em nome da religião.

James Longman Da BBC – 15/11/2015 12h12 - Atualizado em 15/11/2015 12h12

http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/muculmano-salvou-duas-mulheres-de-ataques-em-paris.html?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1



Safer mora no 11º distrito, um dos locais atacados (Foto: BBC)

Quando o tiroteio começou na noite de sexta-feira, Safer estava trabalhando no bar do restaurante Casa Nostra, em Paris, um dos locais escolhidos como alvo dos ataques.

Muçulmano de origem argelina, ele arriscou sua vida para salvar duas mulheres enquanto homens que diziam representar sua fé provocavam as mortes.

"Eu estava no caixa. Ouvimos as explosões - foram realmente altas", conta ele.

"Todo mundo começou a berrar, caía vidro em cima da gente. Foi horrível. Havia vidro por toda parte, machucando nosso rosto", disse Safer, que não quis ter seu sobrenome divulgado.

"Eu vi que duas mulheres do lado de fora haviam sido atingidas. Uma no pulso e outra no ombro. Elas estavam sangrando muito."

Apesar do perigo evidente, Safer diz que precisava ajudar. Ele esperou uma pausa nos tiros e correu para o lado de fora.

"Peguei as duas e corri com elas para o porão. Sentei com elas e tentei estancar o sangramento."

"A gente ainda ouviu mais tiros lá em cima. Foi apavorante."

"Quando saímos vimos os corpos nas ruas. Havia muita gente ferida." Cinco pessoas morreram no ataque ao restaurante Casa Nostra.

Safer mora no 11º distrito de Paris, mesmo bairro do Casa Nostra, uma área onde vivem muitos muçulmanos e pessoas de origem árabe.

Apesar de o grupo extremista autodenominado "Estado Islâmico" ter assumido a autoria dos atentados que deixaram pelo menos 129 mortos e 350 feridos, ele diz que os ataques não têm relação com o islamismo.

"Isso não tem nada a ver com religião", disse ele.

"Muçulmanos de verdade não são feitos para matar pessoas", afirma. "Esses (que fizeram os ataques) são apenas criminosos".

De certa forma, sua história se assemelha a de Lassana Bathily, um jovem imigrante do Mali que escondeu um grupo de fregueses assustados quando um mercado kosher foi atacado em janeiro, no mesmo dia do ataque à redação do jornal Charlie Hebdo.



Lugon diz estar com 'muita raiva' do que aconteceu (Foto: BBC)

Bairro

Jean-Paul Lugon, 54, também morador do 11º distrito, estava na cozinha quando ouviu tiros. "O tiroteio durou uma eternidade. Foram pelo menos dois ou três minutos de tiroteio contínuo. Eu corri e vi três pessoas mortas no chão."

"Estou com tanta raiva. Essas pessoas são civis, elas não fizeram nada para que isso acontecesse."

Lugon diz que ficou chocado pelo bairro ter sido atacado. "Por que aqui? Não é uma área como o 16º ou o 7º distrito e outras áreas ricas em que não há imigrantes", disse.

Já no 18º distrito, um dos principais locais de concentração de população muçulmana de Paris, a raiva é palpável.

"Não somos como eles", diz Jamal, de 44 anos. "Não temos nada a ver com eles. Estamos com nojo", disse.

Ele também está preocupado com o impacto mais amplo dos ataques sobre a comunidade muçulmana. "Os franceses não nos aceitam", diz.

O papel do islamismo na França é um tema frequente no debate público e, quando foi revelado que cidadãos franceses foram responsáveis pelos ataques ao Charlie Hebdo no início do ano, surgiram questões sobre a vida de jovens muçulmanos no país.



Jamal diz que está 'com nojo' dos extremistas (Foto: BBC)

To really combat terror, end support for Saudi Arabia

<http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/aug/31/combat-terror-end-support-saudi-arabia-dictatorships-fundamentalism>



Owen Jones

Ramped up rhetoric on security makes no sense so long as the west cosies up to dictatorships that support fundamentalism



Prime Minister David Cameron at a news conference in Downing Street. 'As the British government ramps up the terror alert to 'severe' and yet more anti-terror legislation is proposed, some reflection after 13 years of disaster are surely needed.' Photograph: Paul Hackett/PA

Sunday 31 August 2014 19.30 BST
Last modified on Monday 1 September 2014 14.01 BST

-
-
-
-
- [Share on Pinterest](#)
- [Share on LinkedIn](#)
- [Share on Google+](#)

Shares

70,948

Comments

1,024

Save for later

The so-called war on terror is nearly 13 years old, but which rational human being will be cheering its success? We've had crackdowns on civil liberties across the world, tabloid-fanned generalisations about Muslims and, of course, military interventions whose consequences have ranged from the disastrous to the catastrophic. And where have we ended up? Wars that [Britons believe have made them less safe](#); jihadists too extreme even for al-Qaida's tastes running amok in Iraq and Syria; and nations like Libya succumbing to Islamist militias. There are failures, and then there are calamities.

But as the [British government ramps up the terror alert to “severe”](#) and yet more [anti-terror legislation is proposed](#), some reflection after 13 years of disaster is surely needed. One element has been missing, and that is the west’s relationship with Middle Eastern dictatorships that have played a pernicious role in the rise of Islamist fundamentalist terrorism. And no wonder: the west is militarily, economically and diplomatically allied with these often brutal regimes, and our media all too often reflects the foreign policy objectives of our governments.

Take Qatar. There is evidence that, as the US magazine The Atlantic [puts it](#), “Qatar’s military and economic largesse has made its way to [Jabhat al-Nusra](#)”, an al-Qaida group operating in Syria. Less than two weeks ago, Germany’s development minister, Gerd Mueller, was slapped down after [pointing the finger at Qatar](#) for funding Islamic State ([Isis](#)).

While there is no evidence to suggest Qatar’s regime is directly funding Isis, [powerful private individuals](#) within the state certainly are, and arms intended for other jihadi groups are likely to have fallen into their hands. According to a secret memo signed by Hillary Clinton, released by Wikileaks, Qatar has the [worst record of counter-terrorism cooperation](#) with the US.

And yet, where are the western demands for Qatar to stop funding international terrorism or being complicit in the rise of jihadi groups? Instead, Britain arms Qatar’s dictatorship, selling it millions of pounds worth of weaponry including “crowd-control ammunition” and missile parts. There are other reasons for Britain to keep stumm, too. [Qatar](#) owns lucrative chunks of Britain such as the Shard, a big portion of Sainsbury’s and a slice of the London Stock Exchange.

Then there’s Kuwait, [slammed by Amnesty International](#) for curtailing freedom of expression, beating and torturing demonstrators and discriminating against women. Hundreds of millions [have been channelled](#) by wealthy Kuwaitis to Syria, again ending up with groups like Jabhat al-Nusra.

Advertisement

Kuwait has refused to ban the Revival of Islamic Heritage Society, a supposed charity [designated by the US Treasury](#) as an al-Qaida bankroller. David Cohen, the US Treasury’s undersecretary for terrorism and financial intelligence, has even described Kuwait as the “epicentre of fundraising for terrorist groups in Syria”. As Kristian Coates Ulrichsen, an associate fellow at Chatham House,

told me: “High profile Kuwaiti clerics were quite openly supporting groups like al-Nusra, using TV programmes in Kuwait to grandstand on it.” All of this is helped by lax laws on financing and money laundering, he says.

But don't expect any concerted action from the British government. Kuwait is “an important British ally in the region”, as the British government [officially puts it](#). Tony Blair has become the must-have accessory of every self-respecting dictator, ranging from Kazakhstan to Egypt; Kuwait was Tony Blair Associates' [first client](#) in a deal worth £27m. Britain has approved hundreds of arms licences to Kuwait since 2003, recently including military software and anti-riot shields.

And then, of course, there is the dictatorship in Saudi Arabia. Much of the world was rightly repulsed when [Isis beheaded the courageous journalist James Foley](#). Note, then, that Saudi Arabia has [beheaded 22 people since 4 August](#). Among the “crimes” that are punished with beheading are sorcery and drug trafficking.

Around 2,000 people have been killed since 1985, their decapitated corpses often left in public squares as a warning. According to Amnesty International, the death penalty “is so far removed from any kind of legal parameters that it is almost hard to believe”, with the use of torture to extract confessions commonplace. Shia Muslims are discriminated against and women are deprived of basic rights, having to seek permission from a man before they can even travel or take up paid work.

Advertisement

Even [talking about atheism](#) has been made a terrorist offence and in 2012, 25-year-old Hamza Kashgari was jailed for 20 months for tweeting about the prophet Muhammad. Here are the fruits of the pact [between an opulent monarchy and a fanatical clergy](#).

This human rights abusing regime is deeply complicit in the rise of Islamist extremism too. Following the Soviet invasion, the export of the fundamentalist Saudi interpretation of Islam – [Wahhabism](#) – fused with Afghan Pashtun tribal code and helped to form the Taliban. The Saudi monarchy would end up suffering from blowback as al-Qaida eventually turned against the kingdom.

Chatham House professor Paul Stevens says: “For a long time, there was an unwritten agreement ... whereby al-Qaida’s presence was tolerated in [Saudi Arabia](#), but don’t piss inside the tent, piss outside.” Coates Ulrichsen warns that Saudi policy on Syria could be “Afghanistan on steroids”, as elements of the regime have turned a blind eye to where funding for anti-Assad rebels ends up.

Although Saudi Arabia has given \$100m (£60m) to the UN anti-terror programme and the country’s grand mufti has denounced Isis as “enemy number one”, radical [Salafists](#) across the Middle East receive ideological and material backing from within the kingdom. According to Clinton’s leaked memo, Saudi donors constituted “the most significant source of funding to Sunni terrorist groups worldwide”.

But again, don’t expect Britain to act. Our alliance with the regime dates back to 1915, and Saudi Arabia is the British arms industry’s biggest market, receiving £1.6bn of military exports. There are now [more than 200 joint ventures](#) between UK and Saudi companies worth \$17.5bn.

So much rhetoric about terrorism; so many calls to act. Yet Britain’s foreign policy demonstrates how empty such words are. Our allies are up to their necks in complicity with terrorism, but as long as there is money to be made and weapons to sell, our rulers’ lips will remain stubbornly sealed.

To really combat terror, end support for Saudi Arabia | Owen Jones

Owen Jones: Ramped up rhetoric on security makes no sense so long as the west cosies up to dictatorships that support fundamentalism

THEGUARDIAN.COM|POR OWEN JONES

Curtir **Comentar** **Compartilhar**

Comments



Escreva um comentário...

AS PESSOAS TAMBÉM COMPARTILHARAM



You Can't Understand ISIS If You Don't Know the History of Wahhabism in Saudi Arabia

Abd al-Wahhab argued that all Muslims must individually pledge their allegiance to a single Muslim leader (a Caliph, if there were one). Those who would not conform to this view should be killed, their wives and daughters violated, and their possessions confiscated, he wrote. The list of apostates meriting death included the Shia, Sufis and other Muslim denominations, whom Abd al-Wahhab did not consider to be Muslim at all. There is nothing here that separates Wahhabism from ISIS.

[Compartilhar](#)

[Salvar](#)

THE HUFFINGTON POST · 263.025
COMPARTILHAMENTOS



There Is Only One Way to Defeat ISIS

We must hold accountable our Middle Eastern "allies"—the states and bankers and political elites—who persist in funding mass murder.

[Compartilhar](#)

[Salvar](#)

ESQUIRE · 104.531 COMPARTILHAMENTOS

What ISIS Really Wants

The Islamic State is no mere collection of psychopaths. It is



a religious group with carefully considered beliefs, among them that it is a key agent of the coming apocalypse. Here's what that means for its strategy—and for how to stop it.

[Compartilhar](#)

[Salvar](#)

THE ATLANTIC · 849.023 COMPARTILHAMENTOS